

# Figuras de Linguagem

Professora Mariana Klafke



metáfora  
ironia  
prosopopeia  
catacrese  
aliteração  
paradoxo



Agora só tomo café amargo.

Eu não posso sair da linha, preciso manter a forma.

Mas nem adoçante usa? Eu não consigo tomar café assim. De amarga já me basta a vida.



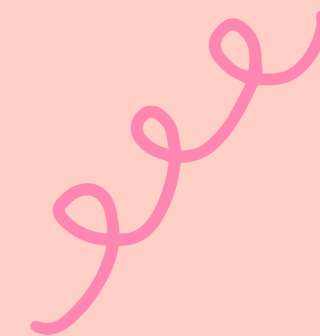
Observem, no diálogo reproduzido na imagem, os sentidos que as palavras apresentam no contexto em que são usadas.

- Agora só tomo café **amargo**.

(amargo - não doce, sabor penetrante, desagradável)

- Mas nem adoçante usa? Eu não consigo tomar café assim. De **amarga** já me basta a vida.

(amarga - sensação ruim)



# Literal X Figurado



Quando utilizamos uma palavra considerando o primeiro significado apresentado no dicionário, sem que exista possibilidade de outras interpretações, estamos fazendo uso da denotação. É o caso da palavra amargo no trecho:

- Agora só tomo café amargo.

Quando a palavra assume possibilidades de interpretação que extrapolam seu significado inicial, estamos fazendo uso da conotação. É o caso da palavra amarga no trecho:

- De amarga já me basta a vida.





# Literal X Figurado

## Linguagem denotativa

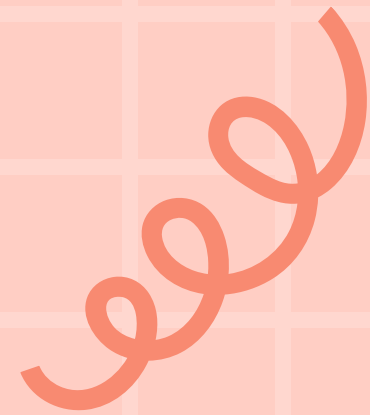
Quando a linguagem está no sentido denotativo, significa que ela está sendo utilizada em seu sentido literal, ou seja, o sentido que carrega o significado básico das palavras, expressões e enunciados de uma língua (sentido dicionarizado).












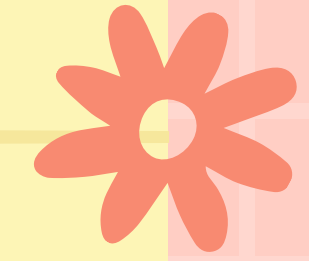
## Linguagem conotativa

Quando a linguagem está no sentido conotativo, significa que ela está sendo utilizada em seu sentido figurado, ou seja, aquele cujas palavras, expressões ou enunciados ganham um novo significado em situações e contextos particulares de uso.

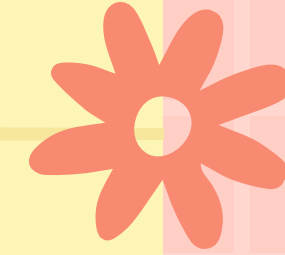




	
	
	Elabore uma frase no sentido
	denotativo e uma no sentido
	conotativo com as palavras
	abaixo:
	CHUVA
	MURO
	JOIA

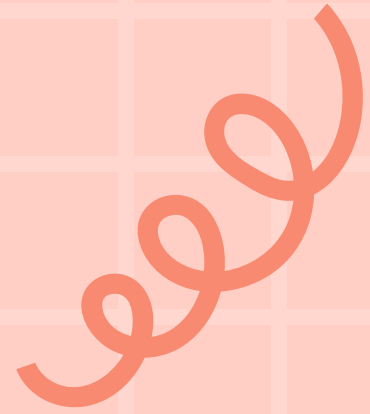


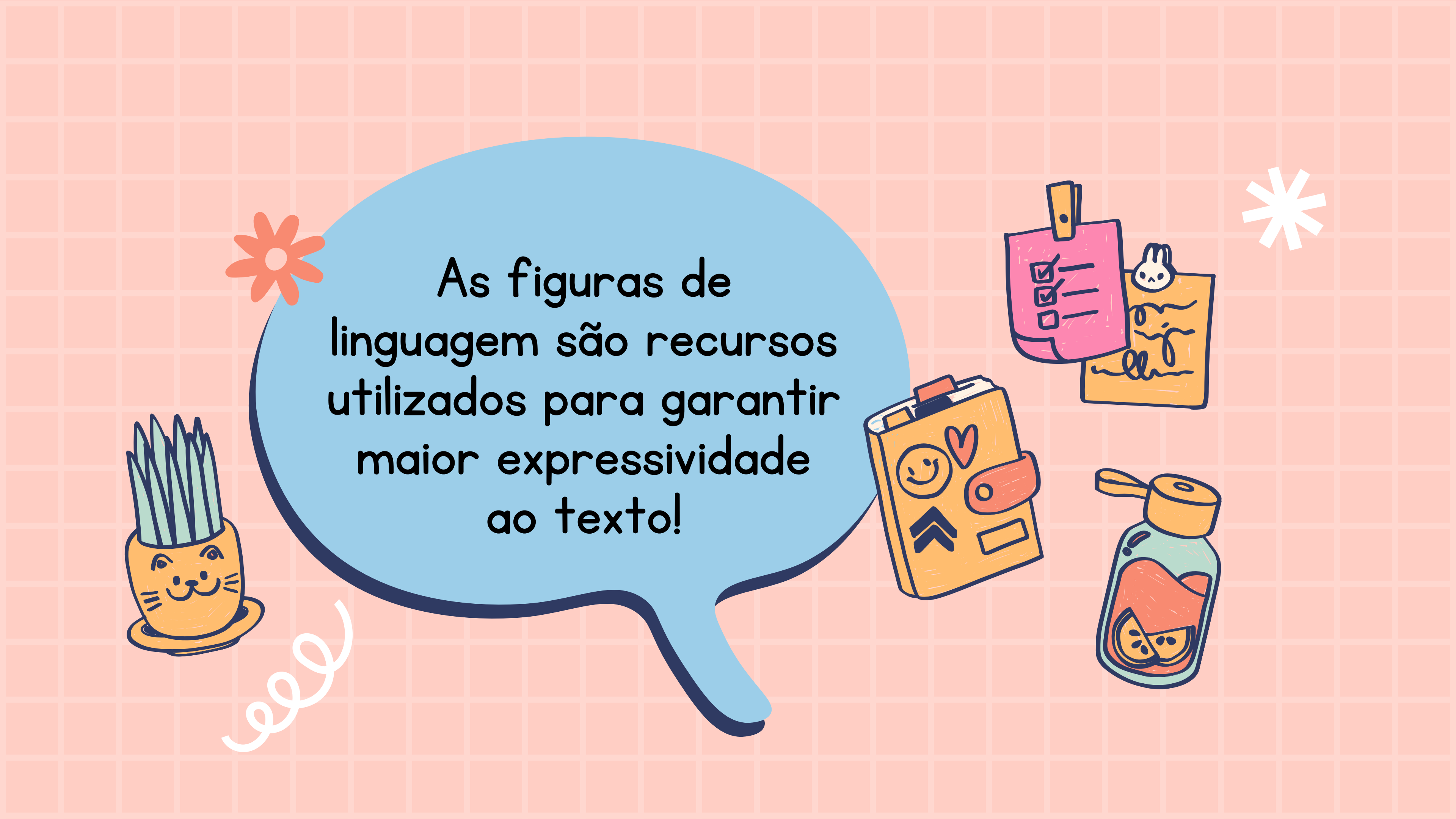
## Aplicando...



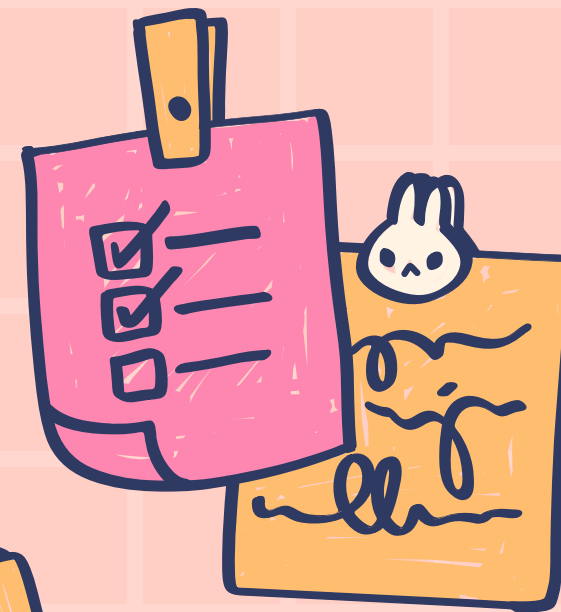
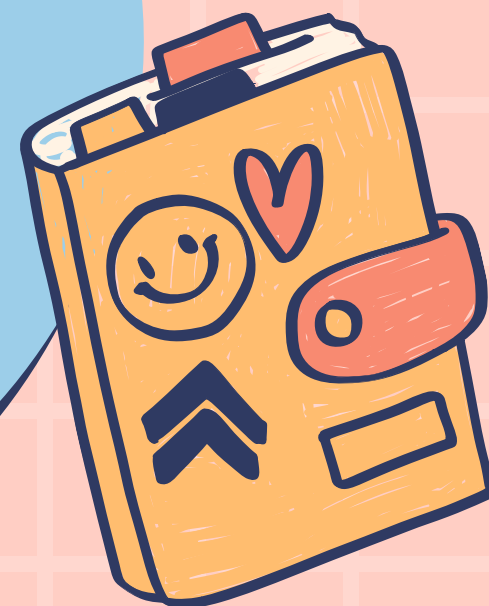
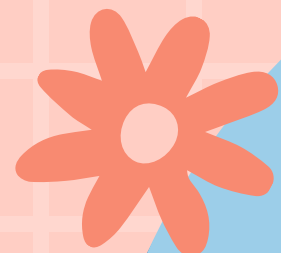
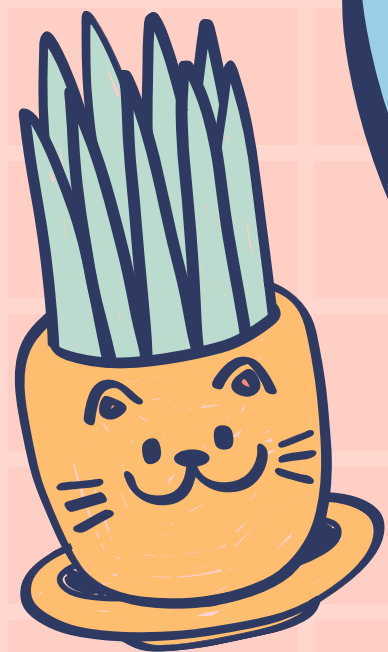
Em duplas, elaborem um texto narrativo utilizando uma lista de três palavras selecionadas por vocês. Utilizem-nas em sentido denotativo e conotativo.

- ★ Pesquisem em dicionários os sentidos possíveis para cada palavra.
- ★ Garantam que, no texto produzido, as palavras apareçam com dois sentidos distintos (denotativo e conotativo).

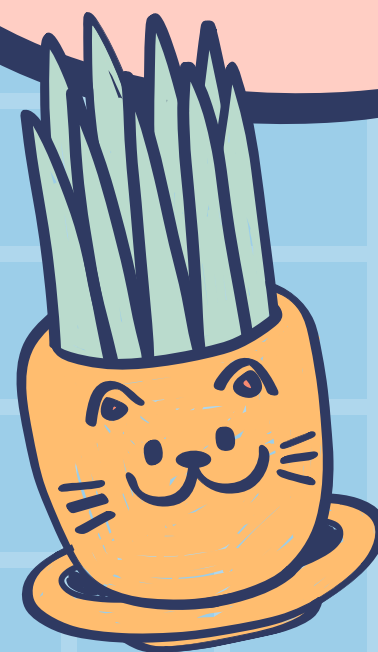




As figuras de  
linguagem são recursos  
utilizados para garantir  
maior expressividade  
ao texto!



A figura de linguagem é uma forma de expressão que se distancia das regras da linguagem denotativa.



Ao empregar uma figura de linguagem, o enunciador possibilita uma interpretação para o seu enunciado que extrapola o sentido original, este associado a uma leitura literal dos fatos.

Por exemplo:

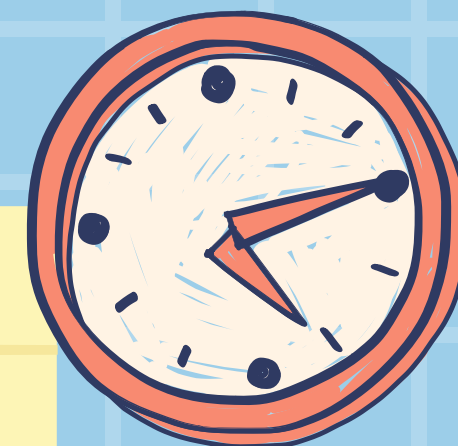
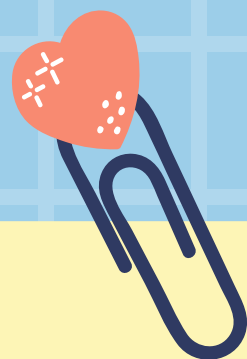
*A pedra chorou de tristeza.*

Nesse exemplo, o sentido denotativo (original) é que uma pedra verteu lágrimas de seus olhos porque estava triste. Porém, sabemos que pedras não têm olhos e, portanto, não podem chorar. Assim, essa expressão afasta-se das regras da linguagem denotativa para assumir outro sentido.

Desse modo, o fato de a pedra chorar mostra o quanto determinada situação é triste. É tão triste que até uma pedra poderia chorar. Nesse exemplo, a pedra foi personificada, foi tratada como se fosse um ser humano, portanto capaz de chorar e sentir tristeza.







Dependendo da sua função,  
elas são classificadas em:

- Figuras de palavras
- Figuras de pensamento
- Figuras de sintaxe
- Figuras de som



# Figuras de Palavras

Também conhecidas como **figuras semânticas**, elas estão relacionadas com o **significado** que as palavras apresentam e as alterações que ocorrem ao utilizar uma figura de linguagem desse tipo.

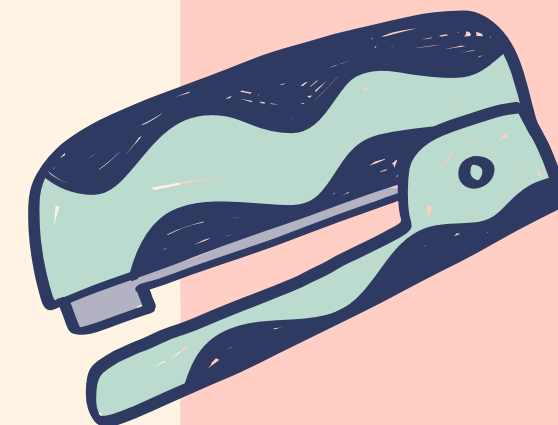
Metáfora,  
comparação,  
metonímia,  
catacrese, sinestesia  
e perífrase.



# Comparação

Essa é uma das figuras de linguagem mais simples, pois sua função é justamente comparar as características de algo. Ela também é conhecida como símile, e é possível identificar que está presente no texto graças aos termos comparativos, como “tal como”, “igual”, “como”, “assim como”, “parece”, entre outros.

Foi rápido, como o  
olhar, o gesto de  
Iracema.  
(José de Alencar)



# Metáfora

A metáfora é uma espécie de comparação indireta e é uma das figuras de linguagem mais presentes em textos poéticos - mas também no cotidiano, às vezes sem que a gente perceba.

Apesar de normalmente ser confundida com a comparação, existe uma diferença entre as duas: enquanto a comparação precisa de termos comparativos, a metáfora não utiliza essas palavras.

Ele era um pássaro,  
nascera para  
cantar.  
(Vinicius  
de Moraes)



# Metonímia

Substituição de um termo por outro, desde que haja uma relação entre eles. Assim, pode haver a substituição:

- do autor pela obra:

Você não vai acreditar: comprei um Caravaggio. (isto é: comprar um quadro do Caravaggio.)

- do possuidor pelo possuído:

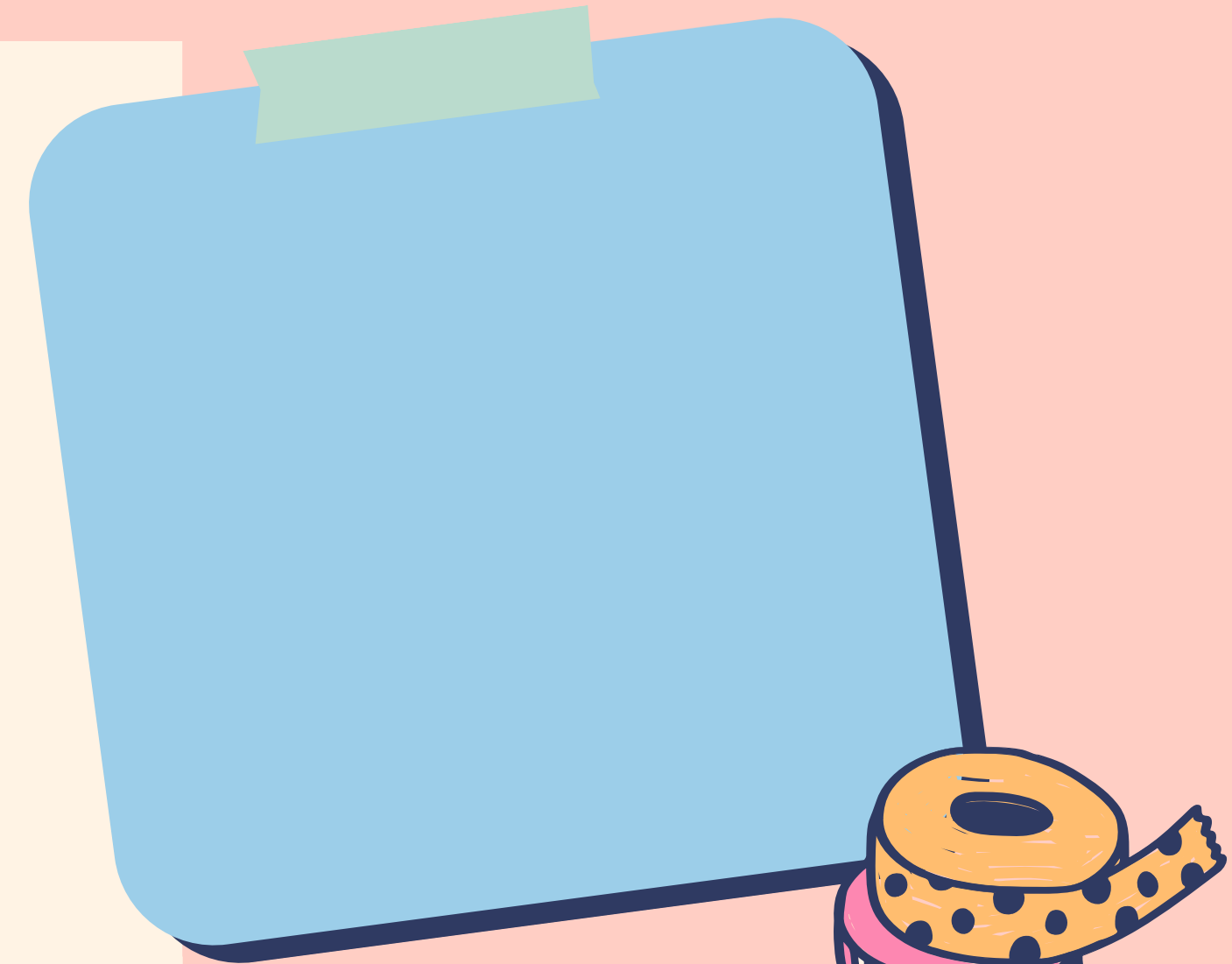
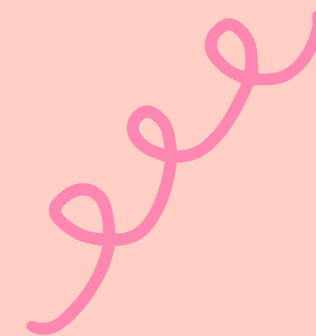
Amanhã, vou ao médico e não se fala mais nisso! (isto é: ir ao consultório do médico.)





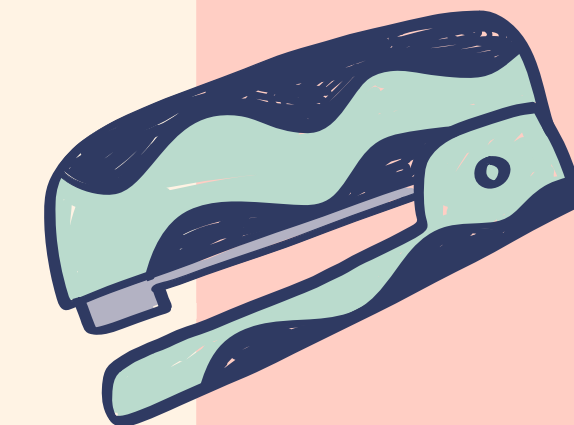
# Metonímia

- do lugar pelo produto:  
Ela só fumava havana e nada mais. (isto é: fumar charuto produzido em Havana.)
- do efeito pela causa:  
Aqueles líderes insuflaram a guerra no coração dos jovens. (isto é: insuflar o ódio, causa da guerra.)
- do continente pelo conteúdo:  
Todos os dias, bebo uma xícara de chá de boldo. (isto é: beber o chá que está na xícara.)



# Metonímia

- do instrumento pelo agente:  
Amanda é um bisturi excepcional. (isto é: é uma cirurgiã excepcional.)
- da coisa pela sua representação:  
Ninguém fala mal da minha terra sem antes me pedir permissão. (isto é: falar mal do país, estado ou cidade.)
- do inventor pelo invento:  
O Linux é um sistema operacional gratuito. (isto é: linux é a invenção de Linus Torvalds; a palavra vem da união do nome de seu inventor "Linus" com "Unix".)





# Metonímia

- do concreto pelo abstrato:

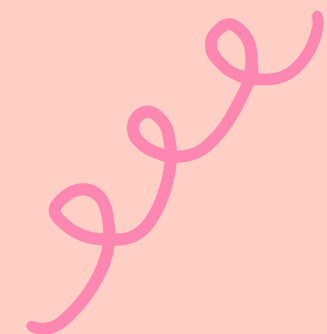
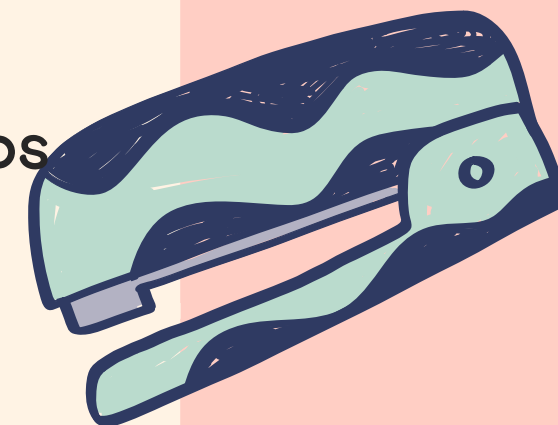
Na minha vida, encontrei muita gente sem coração.  
(isto é: gente sem sentimento.)

- da parte pelo todo:

Este foi um livro escrito a quatro mãos. (isto é:  
escrito por duas pessoas.)

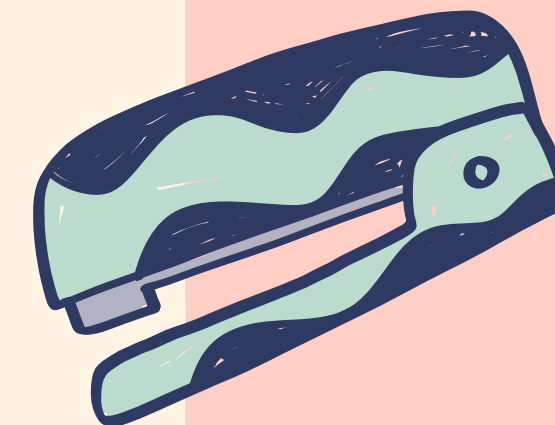
- da qualidade pela espécie:

Os irracionais também têm seus direitos. (isto é: os  
animais também têm seus direitos.)



# Metonímia

- do singular pelo plural:  
O artista é livre para expressar pensamentos e emoções. (isto é: os artistas são livres.)
- da matéria pelo objeto:  
“Quem com ferro fere, com ferro será ferido.”  
(isto é: ferir com espada.)
- do indivíduo pela classe:  
Era mais um camões incompreendido. (isto é: ser mais um poeta incompreendido.)



# Catacrese

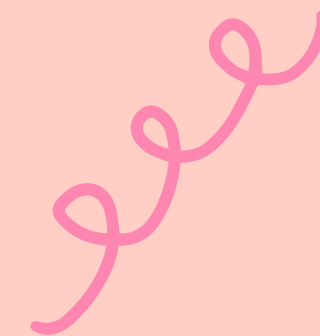
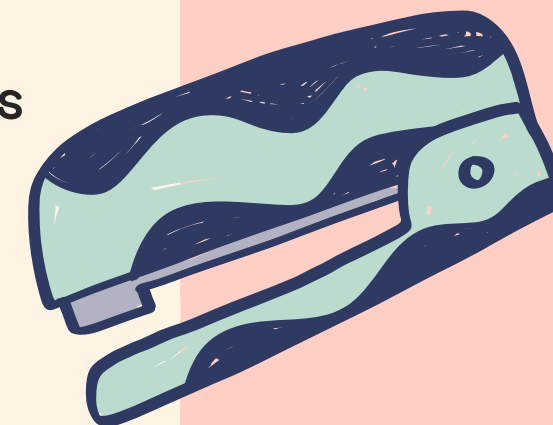
Consiste em transferir a uma palavra o sentido próprio de outra, por alguma semelhança entre elas. Veja:

A **quarentena** já dura dois meses.

Não podíamos **embarcar** no ônibus sem tirar aquelas fotos.

No primeiro exemplo, a palavra “quarentena”, em seu sentido original, refere-se a um período de quarenta dias. No entanto, o termo passou a ser empregado com o sentido de “isolamento”. O mesmo fenômeno acontece no segundo exemplo, em que “embarcar” deixou de ser apenas o ato de entrar em uma embarcação e teve seu sentido ampliado para o ato de entrar em qualquer veículo de transporte.

Por ser de uso corrente, muitas vezes não percebemos seu sentido figurado: pé da cama, barriga da perna, boca do fogão, dente de alho, bala de revólver...

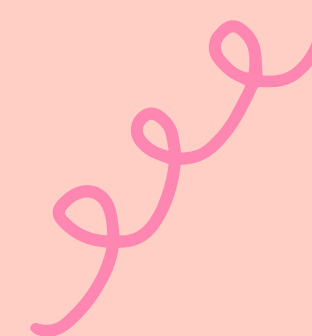




# Sinestesia

Talvez você nunca tenha percebido, mas algo comum no cotidiano é unir sensações ao falar uma única frase. Ao fazer isso, você está usando a sinestesia, figura de linguagem que reflete no uso de palavras que vão relacionar os sentidos do corpo humano, isto é, audição, visão, tato, paladar e olfato. Portanto, dizer que prefere roupas de “cores quentes” ou que alguém tem uma “voz doce” são alguns exemplos disso.

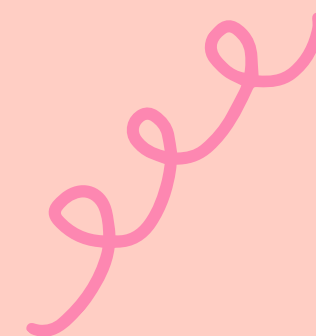
Tem cheiro a luz, a  
manhã nasce...  
Oh sonora audição  
colorida do aroma!  
(Alphonsus de  
Guimarães)



# Perífrase


A perífrase ocorre pela substituição de uma ou mais palavras por outra expressão que exprime suas características. Exemplos:

- A **cidade luz** foi atingida por terroristas nessa tarde. (**Paris**)
- A **terra da garoa** está cada vez mais perigosa. (**São Paulo**)
- O **país do futebol** conquistou mais uma medalha nas olimpíadas. (**Brasil**)

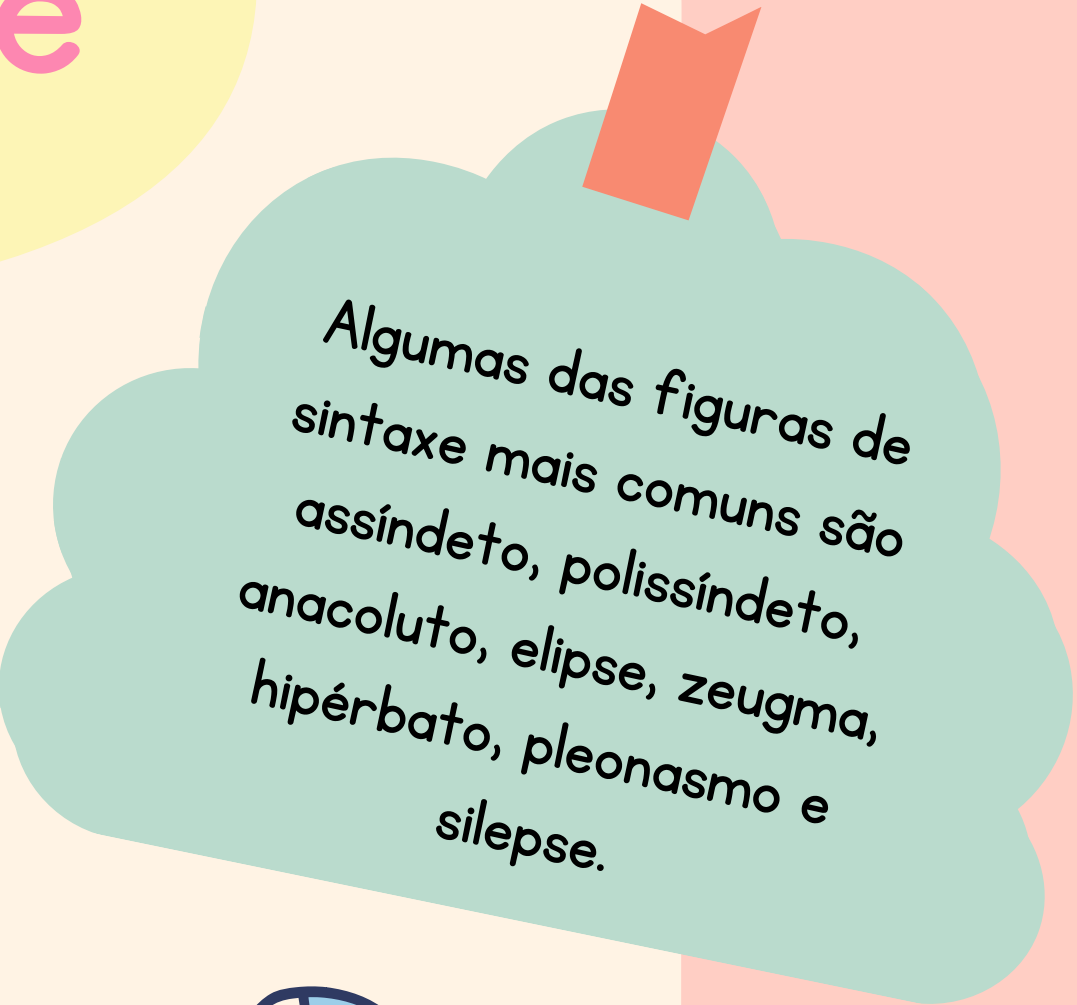




# Figuras de Sintaxe



Em resumo, as figuras de sintaxe são recursos associados à **organização** e **estrutura gramatical** das frases.

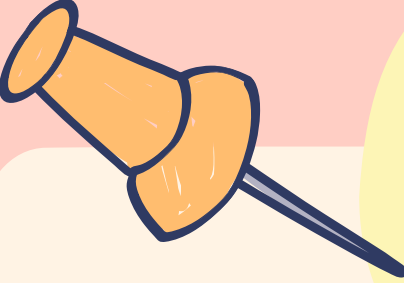


Algumas das figuras de sintaxe mais comuns são assíndeto, polissíndeto, anacoluto, elipse, zeugma, hipérbato, pleonasmo e silepse.






# Assíndeto



Assíndeto é uma figura de linguagem caracterizada pela omissão de conjunções coordenativas, isto é, conjunções que ligam orações ou elementos independentes entre si em um enunciado. É um processo de encadeamento do enunciado que exige do leitor mais atenção no exame de cada fato, mantido em sua independência, por força das pausas rítmicas.

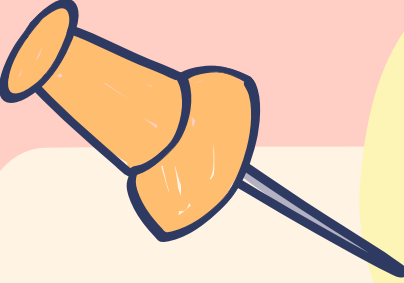


*A barca vinha perto,  
chegou, atracou,  
entramos. (Machado  
de Assis)*






# Polissíndeto

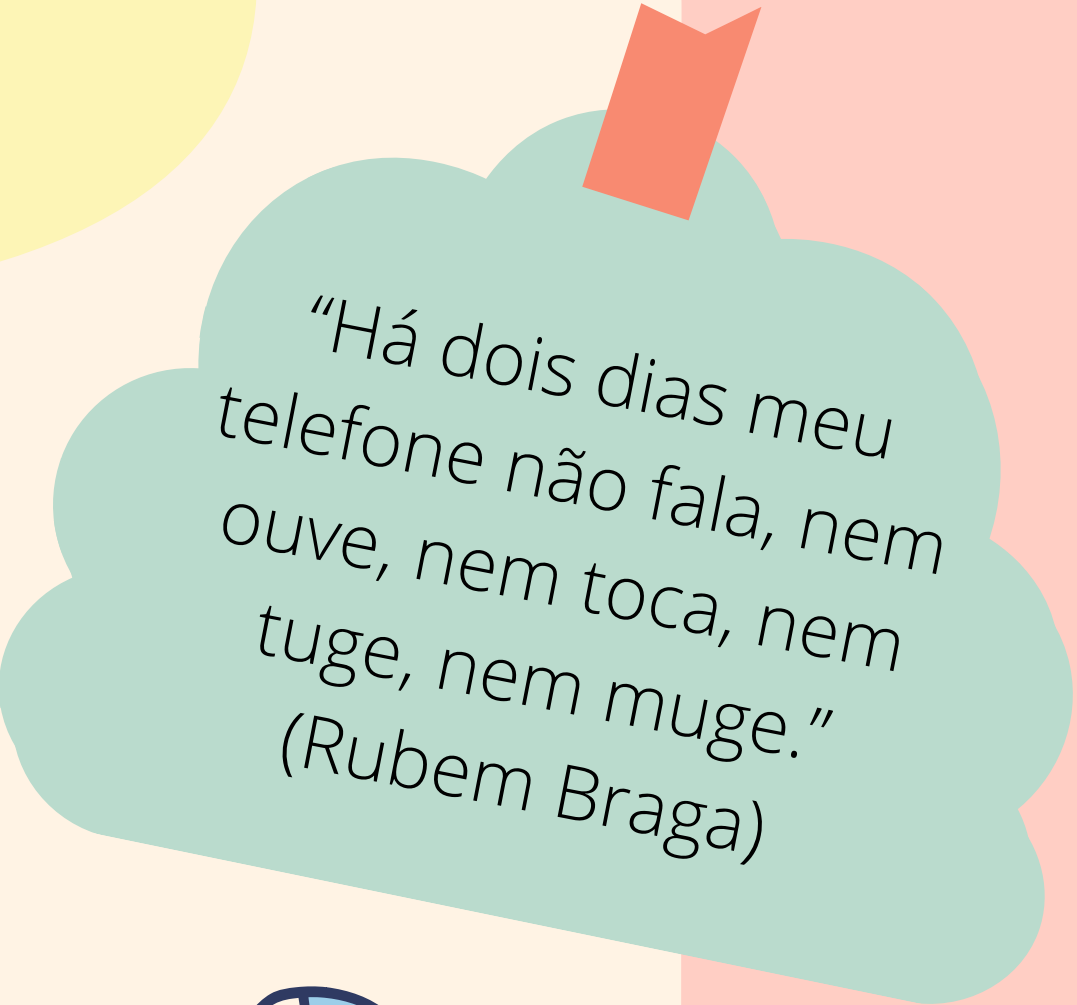


Polissíndeto é a figura de construção caracterizada pela repetição de conjunções, o que muitas vezes acaba gerando um efeito de intensificação do discurso.

Observe:



“Enquanto os homens exercem seus podres poderes /  
Índios e padres e bichas, negros e mulheres e  
adolescentes fazem o carnaval” (Caetano Veloso)




“Há dois dias meu  
telefone não fala, nem  
ouve, nem toca, nem  
tuge, nem muge.”  
(Rubem Braga)





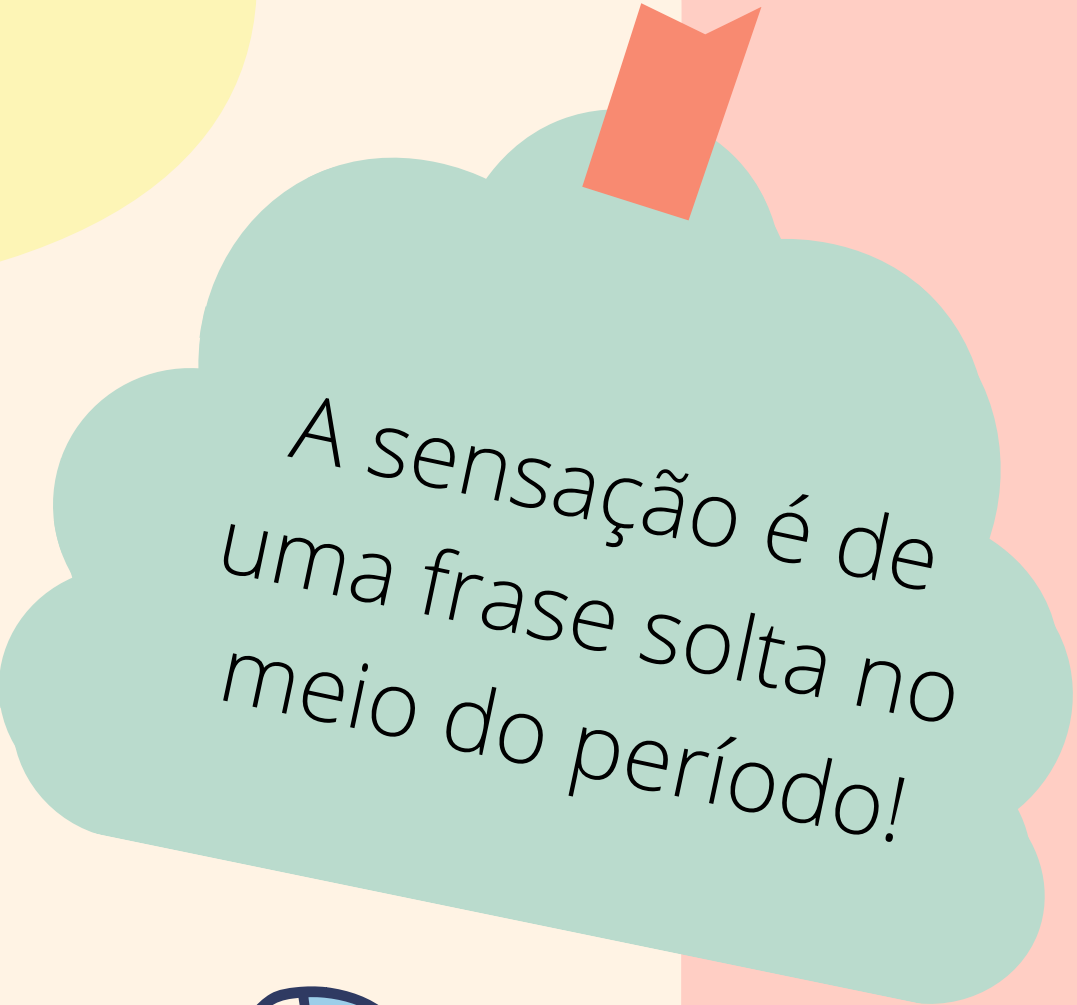


# Anacoluto



É a mudança de construção sintática no meio do enunciado, geralmente depois de uma pausa sensível. Observe esses versos de Casimiro de Abreu:

No berço, pendente dos ramos floridos,  
Em que eu pequenino feliz dormitava:  
Quem é que esse berço com todo o cuidado  
Cantando cantigas alegre embalava?

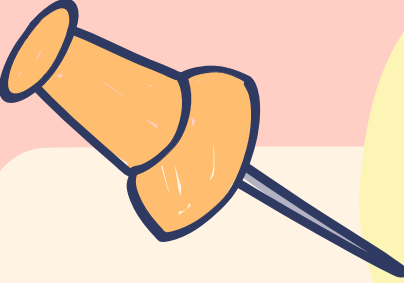


A sensação é de uma frase solta no meio do período!






# Elipse



Ocultação de palavra ou expressão na estrutura do enunciado.

– Vou te ligar. Qual o seu número?

Nesse exemplo, foi omitida a expressão “de telefone”: Qual o seu número de telefone?



É comum a elipse de sujeito, do verbo, da conjunção que, da preposição que introduz adjuntos...



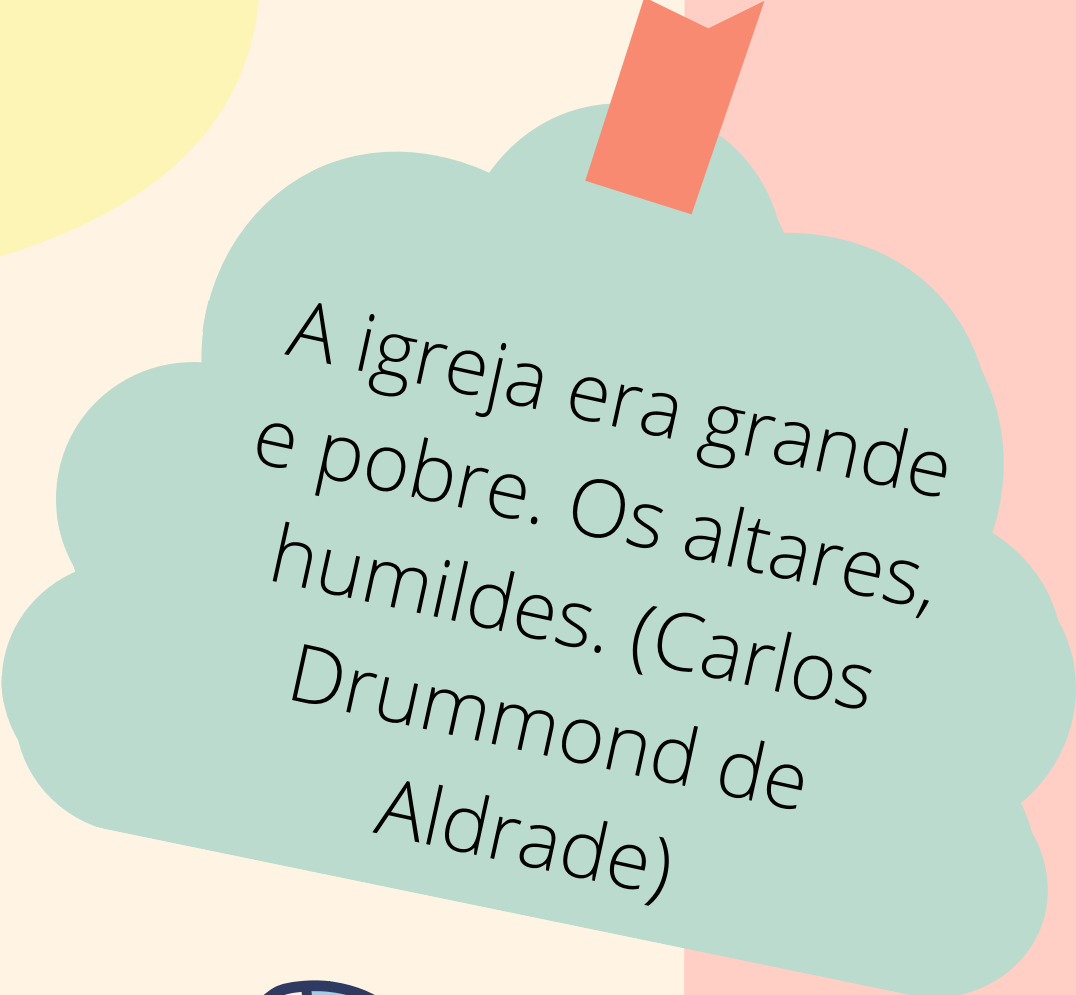


# Zeugma

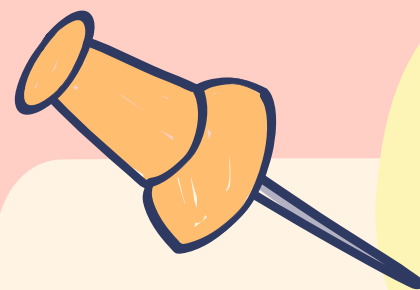
Um tipo de elipse caracterizado pela omissão de um termo mencionado anteriormente.

Preferia os caminhos difíceis aos fáceis.

Ou seja: Preferia os caminhos difíceis aos (caminhos) fáceis.

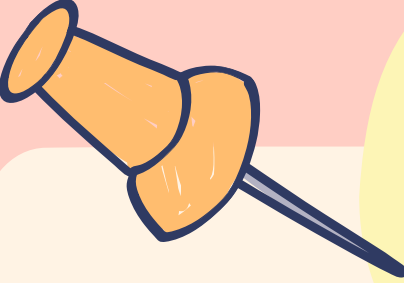


A igreja era grande e pobre. Os altares, humildes. (Carlos Drummond de Aldrade)






# Hipérbato



Inversão da ordem direta dos elementos de uma oração ou período. A ordem direta é composta de sujeito, verbo, complemento ou predicativo. Por exemplo:

As manifestações culturais brasileiras são muito valorizadas no exterior.

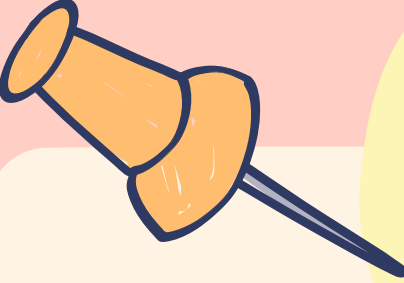
Se ocorrer o hipérbato, a inversão, temos:  
Muito valorizadas são as manifestações culturais brasileiras no exterior.



*Essas que ao vento vêm  
Belas chuvas de junho!  
(Joaquim Cardoso)*




# Pleonasmo



É o uso de algum termo dispensável, repetitivo, com o objetivo de enfatizar determinada ideia.

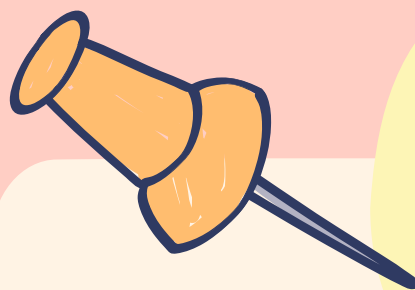
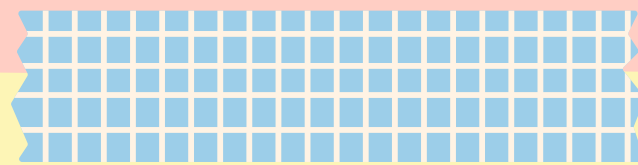
– Vi a abdução **com meus próprios olhos** – ele afirmou.

Atenção! Esse tipo de ênfase é aceitável quando utilizado para melhor expressar uma ideia; do contrário, é apenas uma redundância, um vício de linguagem.



Achei mais fácil odiar-me a mim mesmo. (Erico Verissimo)





# Silepse

Concordância ideológica, ou seja, com a ideia, e não com o termo expresso. Existem três tipos:

**Silepse de gênero:** A gente ficou chocado com o que aconteceu ontem.

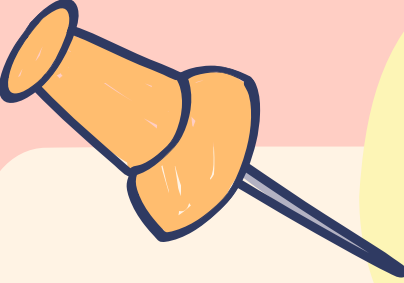
Nesse caso, o enunciador é masculino e refere-se a pessoas do gênero masculino, então faz a concordância com a ideia, e não com o sujeito "A gente".








# Silepse

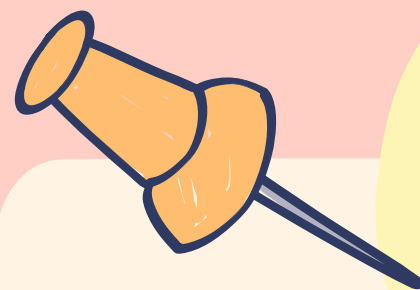
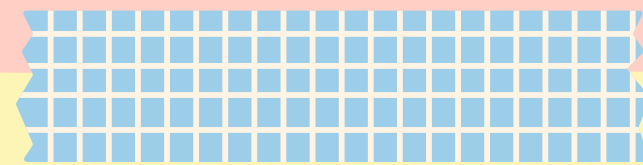


**Silepse de número:** O povo exigiu uma satisfação, pois não suportavam mais aquele silêncio.



Nesse exemplo, o verbo “suportavam” tem como sujeito “eles/elas” (não expresso no período), pois o enunciador pensa em povo como uma quantidade de pessoas. Assim, em vez de fazer a concordância com a palavra, no singular, “povo” (O povo não suportava mais aquele silêncio), o enunciador faz a concordância com a ideia, ou seja, “eles/elas”, uma quantidade de pessoas chamadas de “povo”, portanto no plural.



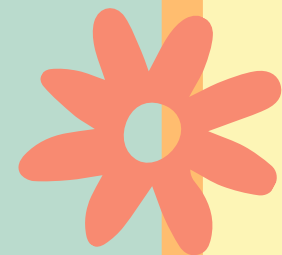
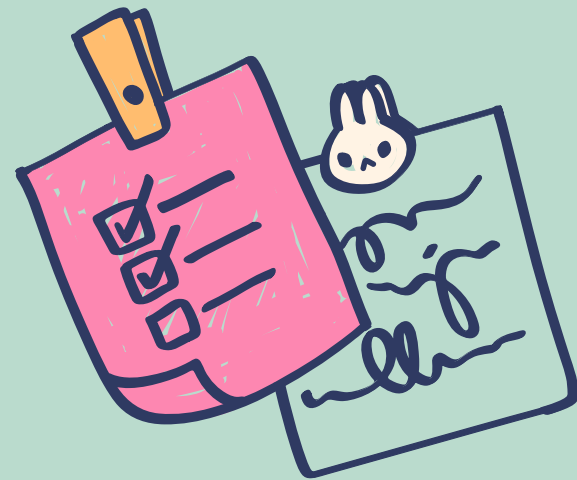


# Silepse

**Silepse de pessoa:** Os ciclistas corremos grande perigo no trânsito.

Observe que, ao conjugar o verbo “correr” na primeira pessoa do plural (nós), o enunciador coloca-se na categoria de ciclista, o que não ficaria evidente se ele fizesse a concordância gramaticalmente esperada: Os ciclistas correm grande perigo no trânsito.



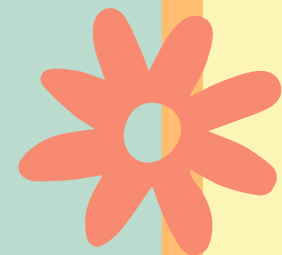


# Figuras de Pensamento

As Figuras de Pensamento são recursos associados à combinação de ideias e pensamentos, ou seja, à interpretação das frases.

Algumas figuras de pensamento são eufemismo, gradação, hipérbole, ironia, antítese, paradoxo e personificação.



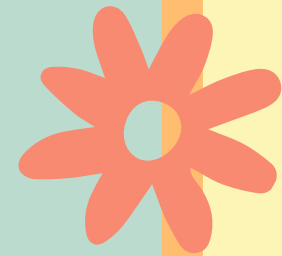
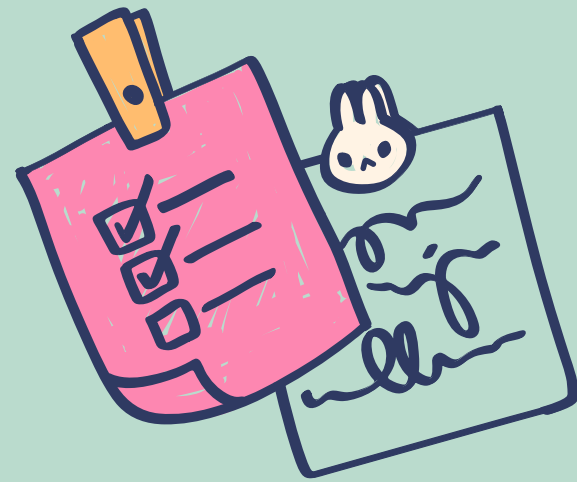


# Eufemismo

Consiste em atenuar o sentido desagradável, grosseiro ou indecoroso de uma palavra ou expressão, substituindo-a por outra que suavize seu significado. Um exemplo clássico é a expressão "passou desta para uma melhor".



Na redação, o secretário fazia a cozinha do jornal, quando a senhora, não primaveril, mas ainda não invernososa, dele se aproximou timidamente.  
(Carlos Drummond de Andrade)

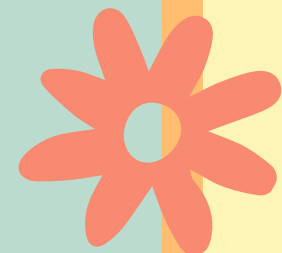
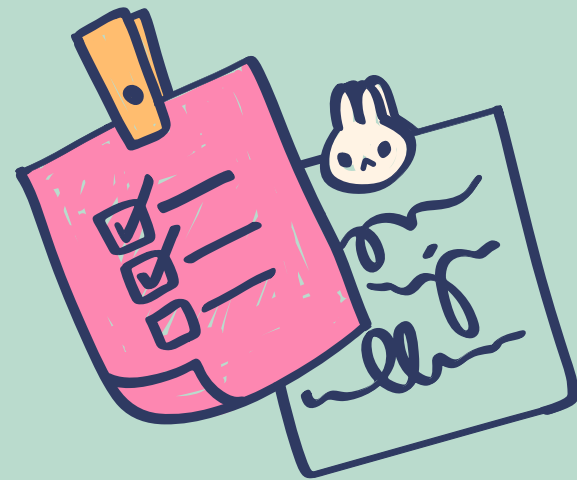


# Gradação

Sabe quando você está lendo uma história e, de repente, várias palavras surgem em um parágrafo e levam até uma ideia central? Isso se chama gradação, que é a figura de linguagem responsável por enumerar uma sequência de termos com o objetivo de intensificar uma ideia ou de levar ao ponto alto de uma história.

É o que acontece, por exemplo, no trecho "É pau, é pedra, é o fim do caminho" da música "Águas de Março", cantada por Elis Regina.





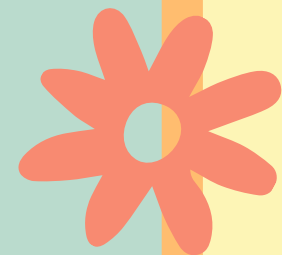
# Hipérbole

Expressões como “morrendo de fome” ou “caindo de sono” apresentam uma figura de linguagem muito conhecida e frequentemente exigida no Enem e vestibulares: a hipérbole. Ela é utilizada para demonstrar maior intensidade de algo, o que causa a ideia de exagero em uma frase, em um parágrafo ou até em todo o contexto.

Temos riqueza para dar ao mundo inteiro e ainda sobra para quatrocentos e noventa e nove mundos possíveis.  
(Carlos Drummond de Andrade)





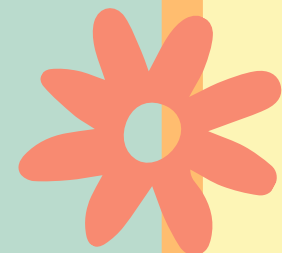
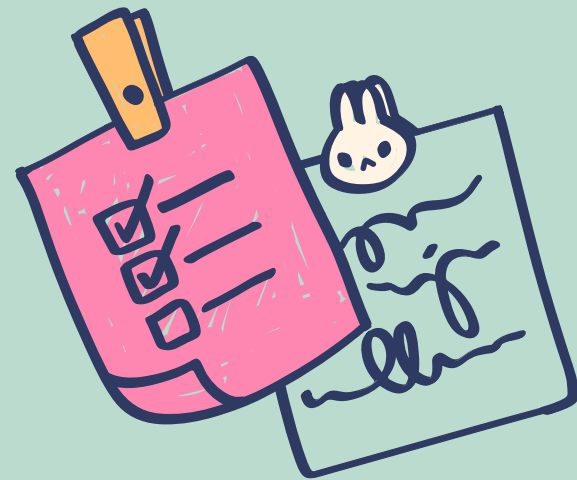


# Ironia

A ironia, talvez a mais comum de todas as figuras de linguagem, consiste basicamente em exprimir uma ideia contrária ao que se pensa com a finalidade, normalmente, de criticar.

O casamento foi aprovado pelo Sr. Antunes, com a mesma alma com que um réu sancionaria a própria execução. (Machado de Assis)



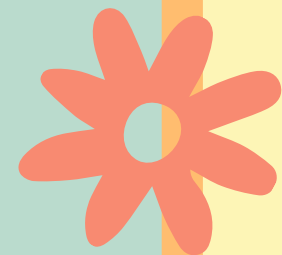
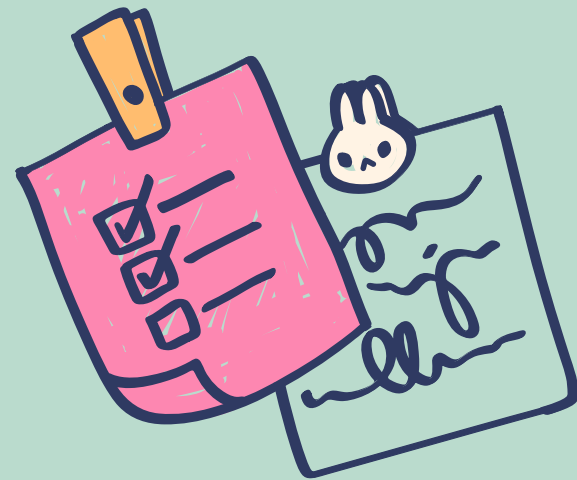


# Antítese

Consiste basicamente em juntar uma ideia a outra de sentido contrário, causando um efeito estético que enfatiza os sentidos de cada termo e causa estranhamento ao mesmo tempo.

Há dois mundos distintos, o claro e o escuro.  
Mas dentro do escuro vive também um mundo claro, que eu vejo quando fecho os olhos...  
(Carlos Drummond de Andrade)

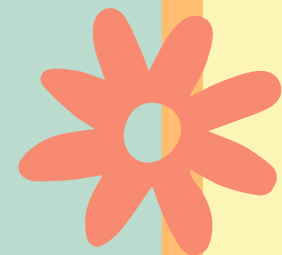
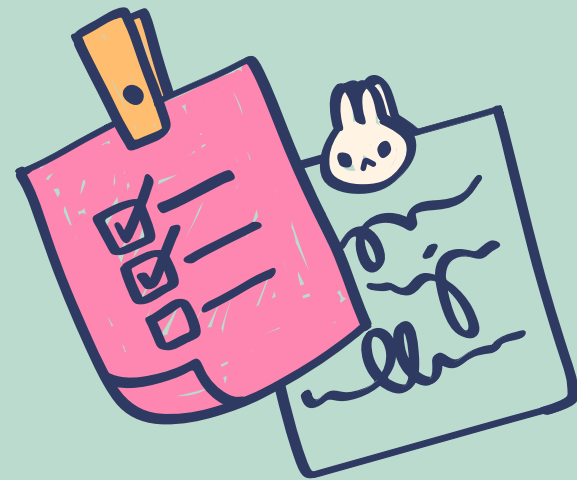




# Paradoxo

Outra figura de linguagem que trabalha com a oposição é o paradoxo, porém, não se engane ao pensar que ele é igual à antítese! Na verdade, o paradoxo faz um jogo de ideias contrárias, mas sem a necessidade de utilizar palavras opostas. Por isso, a oposição é muito menos explícita do que no caso da antítese, como você pode ver neste exemplo: “A voz que dá boas-vindas é a mesma que diz adeus”.



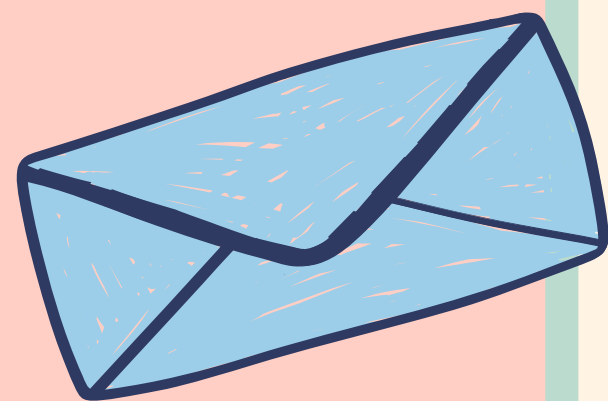


# Personificação

Também conhecida como prosopopeia, essa figura de linguagem costuma aparecer em histórias infantis, já que animais e objetos muitas vezes podem estar entre os personagens, que fazem parte dos elementos da narrativa desses contos. Como eles precisam interagir entre si, os autores dão ações e sentimentos humanos a seres que não apresentam essas características. Ou seja: é o que acontece ao dizer que “o Sol descansou” ou que “a Lua está tranquila”.

Havia estrelas infantis a  
balbuciar preces matinais  
no céu deliquescente.  
(Vinicius de Moraes)





# Figuras de Som

São aqueles recursos associados aos sons das palavras, figuras que se referem à **sonoridade**. As figuras de som têm o objetivo de realçar e de enfatizar os sons de um texto, dando mais destaque a eles.

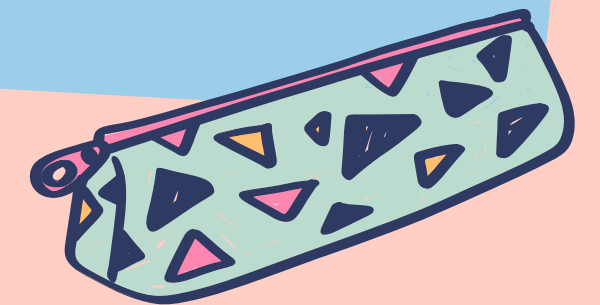
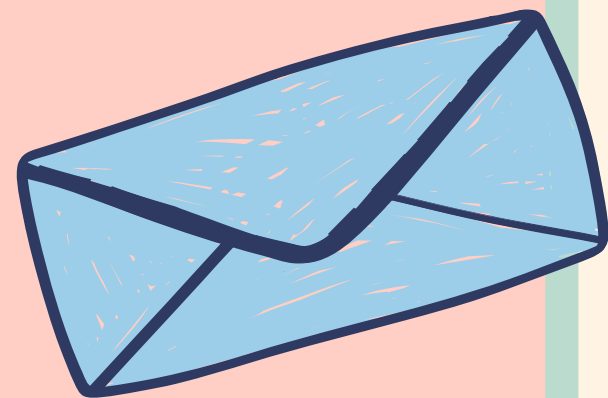
Algumas figuras de som são assonância, aliteração, onomatopeia e paronomásia.



# Assonância

A assonância é uma figura de linguagem que consiste na repetição de fonemas vocálicos, especialmente em sílabas tônicas, para inferir um som e estabelecer efeitos sonoros específicos no texto. Trata-se de um recurso linguístico muito utilizado em poemas ou letras de música, mas também pode ocorrer em textos em prosa.

"Esta menina  
tão pequenina  
quer ser bailarina"  
(Cecília Meireles)



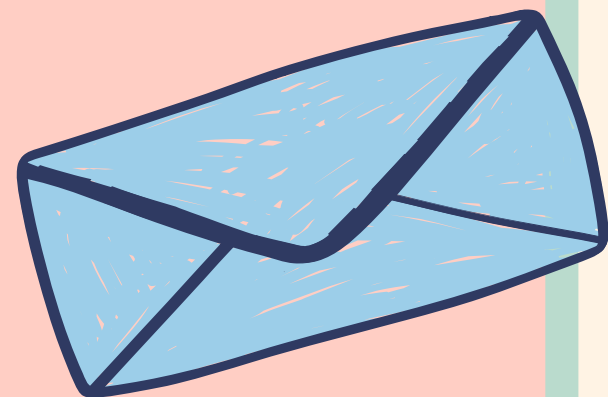


# Aliteração

Enquanto a assonância promove repetições de sons vocálicos, especialmente as sílabas tônicas, a aliteração é a repetição de sons consonantais. Veja o exemplo abaixo, extraído do texto “Mundo Moderno”, escrito por Chico Anysio:

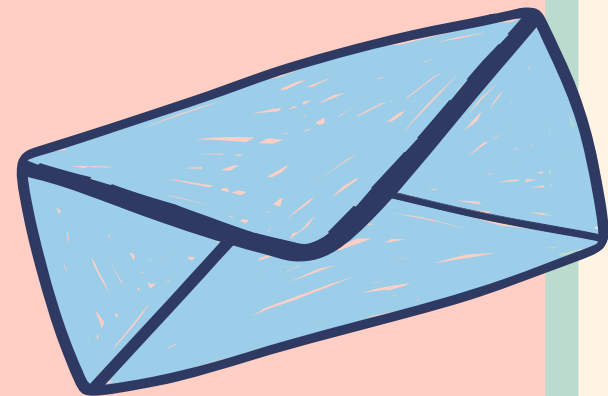
“Meu monólogo mostra mentiras, mazelas, misérias, massacres, miscigenação, morticínio - maior maldade mundial. Ela ocorre logo após a abertura: Mundo moderno, marco malévolo, mesclando mentiras [...]. E tem esta conclusão: Merecemos. Maldito mundo moderno, mundinho.”

“A brisa do Brasil  
beija a balança.”  
(Castro Alves, “Navio  
Negreiro”)



# Onomatopéia

Seja o “tic-tac” do relógio, o “ding-dong” da campainha ou o “miau” de um gato, esses ruídos demonstrados a partir de palavras são exemplos da onomatopeia. Trata-se da figura de linguagem cuja função é expressar os barulhos da natureza, de objetos e de ações nos textos escritos ou falados.



As onomatopeias são muito utilizadas em histórias e brincadeiras infantis e nos quadrinhos.

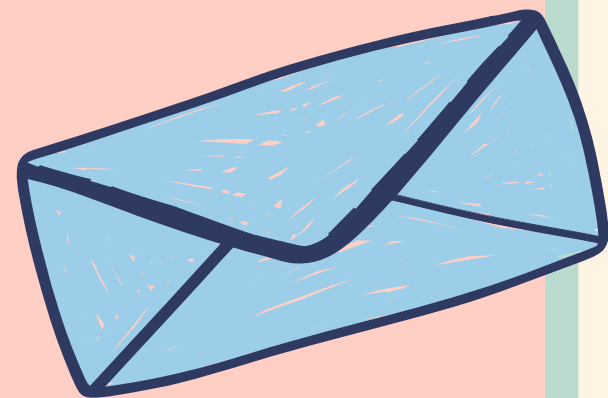


# Paronomásia

A paronomásia é uma figura de linguagem que utiliza palavras parônimas no mesmo enunciado de modo a produzir um jogo sonoro no discurso. É bastante utilizada na linguagem publicitária e, também, nas artes, como em letras de músicas, poesias e até mesmo em prosas. Chamamos de parônimas as palavras que têm significado diferente e som muito parecido. Essas palavras costumam se diferenciar no som por apenas um fonema, uma letra ou uma sílaba. Pela semelhança no som, algumas palavras parônimas acabam confundindo muitas pessoas. Exemplos:

- Comprimento x Cumprimento
- Cavaleiro x Cavalheiro
- Pluvial x Fluvial

A paronomásia é muito utilizada em campanhas publicitárias:  
"Tomou Doril, a dor sumiu."



## A Casa de Vidro

Houve protestos.

Deram uma bola a cada criança e tempo para brincar. Elas aprenderam malabarismos incríveis e algumas viajavam pelo mundo exibindo sua alegre habilidade. (O problema é que muitos, a maioria, não tinham jeito e eram feios de noite, assustadores. Seria melhor prender essa gente – havia quem dissesse.)

Houve protestos.

Aumentaram o preço da carne, liberaram os preços dos cereais e abriram crédito a juros baixos para o agricultor. O dinheiro que sobrasse, bem, digamos, ora o dinheiro que sobrasse!

Houve protestos.

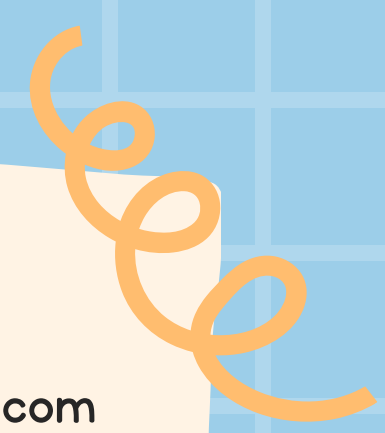
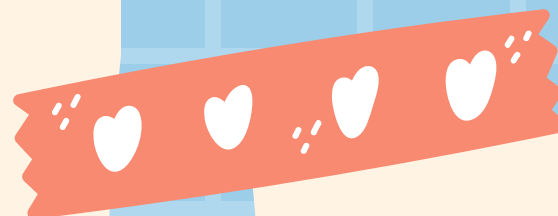
Diminuíram os salários (infelizmente aumentou o número de assaltos) porque precisamos combater a inflação e, como se sabe, quando os salários estão acima do índice de produtividade eles se tornam altamente inflacionários, de modo que.

Houve protestos.

Proibiram os protestos.

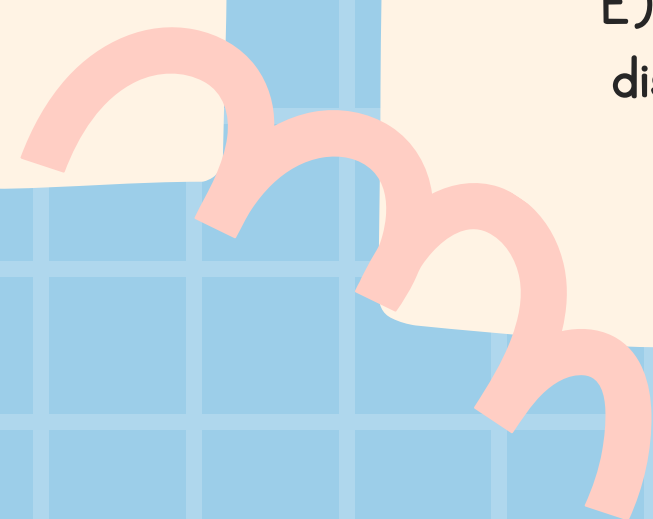
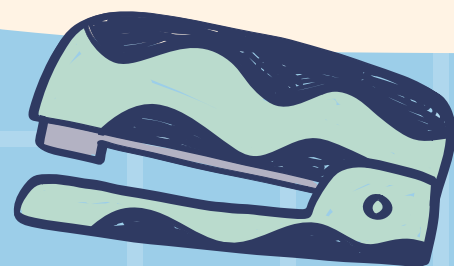
E no lugar dos protestos nasceu o ódio. Então surgiu a Casa de Vidro, para acabar com aquele ódio.

ÂNGELO, I. A casa de vidro. São Paulo: Círculo do Livro, 1985.



(ENEM – 2018) Publicado em 1979, o texto compartilha com outras obras da literatura brasileira escritas no período as marcas do contexto em que foi produzido, como a:

- A) referência à censura e à opressão para alegorizar a falta de liberdade de expressão característica da época.
- B) valorização de situações do cotidiano para atenuar os sentimentos de revolta em relação ao governo instituído.
- C) utilização de metáforas e ironias para expressar um olhar crítico em relação à situação social e política do país.
- D) tendência realista para documentar com verossimilhança o drama da população brasileira durante o Regime Militar.
- E) sobreposição das manifestações populares pelo discurso oficial para destacar o autoritarismo do momento histórico.





## A Casa de Vidro

Houve protestos.

Deram uma bola a cada criança e tempo para brincar. Elas aprenderam malabarismos incríveis e algumas viajavam pelo mundo exibindo sua alegre habilidade. (O problema é que muitos, a maioria, não tinham jeito e eram feios de noite, assustadores. Seria melhor prender essa gente – havia quem dissesse.)

Houve protestos.

Aumentaram o preço da carne, liberaram os preços dos cereais e abriram crédito a juros baixos para o agricultor. O dinheiro que sobrasse, bem, digamos, ora o dinheiro que sobrasse!

Houve protestos.

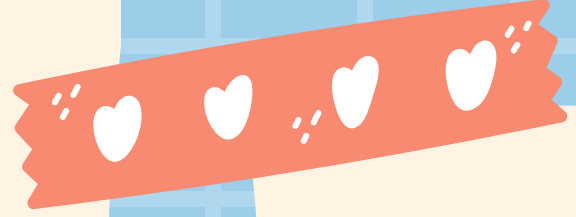
Diminuíram os salários (infelizmente aumentou o número de assaltos) porque precisamos combater a inflação e, como se sabe, quando os salários estão acima do índice de produtividade eles se tornam altamente inflacionários, de modo que.

Houve protestos.

Proibiram os protestos.

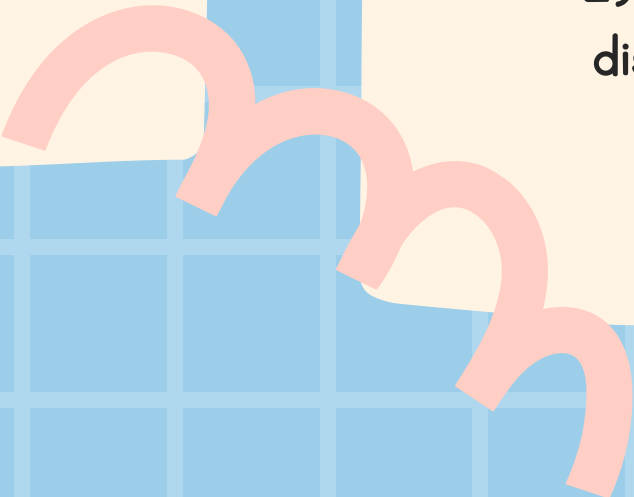
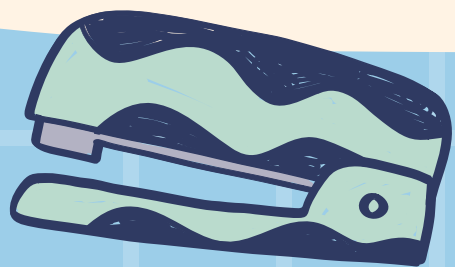
E no lugar dos protestos nasceu o ódio. Então surgiu a Casa de Vidro, para acabar com aquele ódio.

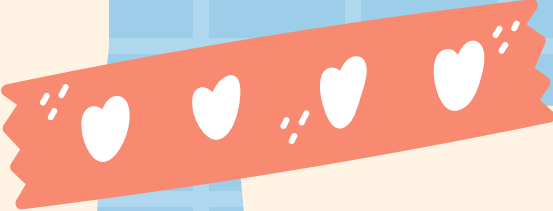
ÂNGELO, I. A casa de vidro. São Paulo: Círculo do Livro, 1985.



(ENEM – 2018) Publicado em 1979, o texto compartilha com outras obras da literatura brasileira escritas no período as marcas do contexto em que foi produzido, como a:

- A) referência à censura e à opressão para alegorizar a falta de liberdade de expressão característica da época.
- B) valorização de situações do cotidiano para atenuar os sentimentos de revolta em relação ao governo instituído.
- C) utilização de metáforas e ironias para expressar um olhar crítico em relação à situação social e política do país.
- D) tendência realista para documentar com verossimilhança o drama da população brasileira durante o Regime Militar.
- E) sobreposição das manifestações populares pelo discurso oficial para destacar o autoritarismo do momento histórico.

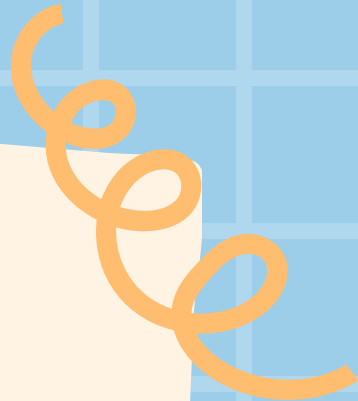




A nossa emotividade literária só se interessa pelos populares do sertão, unicamente porque são pitorescos e talvez não se possa verificar a verdade de suas criações. No mais é uma continuação do exame de português, uma retórica mais difícil, a se desenvolver por este tema sempre o mesmo: Dona Dulce, moça de Botafogo em Petrópolis, que se casa com o Dr. Frederico. O comendador seu pai não quer porque o tal Dr. Frederico, apesar de doutor, não tem emprego. Dulce vai à superiora do colégio de irmãs. Esta escreve à mulher do ministro, antiga aluna do colégio, que arranja um emprego para o rapaz. Está acabada a história. É preciso não esquecer que Frederico é moço pobre, isto é, o pai tem dinheiro, fazenda ou engenho, mas não pode dar uma mesada grande.

Está aí o grande drama de amor em nossas letras, e o tema de seu ciclo literário.

BARRETO, L. Vida e morte de MJ Gonzaga de Sá. Disponível em: [www.brasiliana.usp.br](http://www.brasiliana.usp.br). Acesso em: 10 ago. 2017.



(ENEM - 2019) Situado num momento de transição, Lima Barreto produziu uma literatura renovadora em diversos aspectos. No fragmento, esse viés se fundamenta na:

- A) releitura da importância do regionalismo.
- B) ironia ao folhetim da tradição romântica.
- C) desconstrução da formalidade parnasiana.
- D) quebra da padronização do gênero narrativo.
- E) rejeição à classificação dos estilos da época.

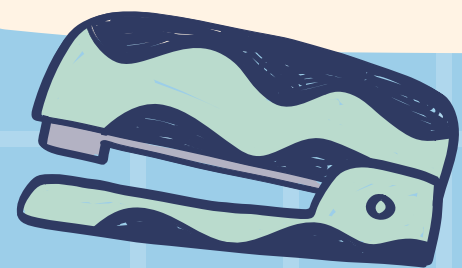




A nossa emotividade literária só se interessa pelos populares do sertão, unicamente porque são pitorescos e talvez não se possa verificar a verdade de suas criações. No mais é uma continuação do exame de português, uma retórica mais difícil, a se desenvolver por este tema sempre o mesmo: Dona Dulce, moça de Botafogo em Petrópolis, que se casa com o Dr. Frederico. O comendador seu pai não quer porque o tal Dr. Frederico, apesar de doutor, não tem emprego. Dulce vai à superiora do colégio de irmãs. Esta escreve à mulher do ministro, antiga aluna do colégio, que arranja um emprego para o rapaz. Está acabada a história. É preciso não esquecer que Frederico é moço pobre, isto é, o pai tem dinheiro, fazenda ou engenho, mas não pode dar uma mesada grande.

Está aí o grande drama de amor em nossas letras, e o tema de seu ciclo literário.

BARRETO, L. Vida e morte de MJ Gonzaga de Sá. Disponível em: [www.brasiliana.usp.br](http://www.brasiliana.usp.br). Acesso em: 10 ago. 2017.



(ENEM - 2019) Situado num momento de transição, Lima Barreto produziu uma literatura renovadora em diversos aspectos. No fragmento, esse viés se fundamenta na:

- A) releitura da importância do regionalismo.
- B) ironia ao folhetim da tradição romântica.**
- C) desconstrução da formalidade parnasiana.
- D) quebra da padronização do gênero narrativo.
- E) rejeição à classificação dos estilos da época.



## O açúcar

O branco açúcar que adoçará meu café  
nesta manhã de Ipanema  
não foi produzido por mim  
nem surgiu dentro do açucareiro por milagre.

Vejo-o puro  
e afável ao paladar  
como beijo de moça, água  
na pele, flor  
que se dissolve na boca. Mas este açúcar  
não foi feito por mim.

Este açúcar veio  
da mercearia da esquina e tampouco o fez o Oliveira,  
[dono da mercearia.

Este açúcar veio  
de uma usina de açúcar em Pernambuco  
ou no Estado do Rio  
e tampouco o fez o dono da usina.

Este açúcar era cana  
e veio dos canaviais extensos  
que não nascem por acaso  
no regaço do vale.

(...)

Em usinas escuras,  
homens de vida amarga  
e dura  
produziram este açúcar  
branco e puro  
com que adoço meu café esta manhã em Ipanema.

Ferreira Gullar. Toda Poesia. Rio de Janeiro:  
Civilização Brasileira, 1980, p. 227-8.

(ENEM - 2007) A antítese que configura uma imagem da divisão social do trabalho na sociedade brasileira é expressa poeticamente na oposição entre a doçura do branco açúcar e:

- A) o trabalho do dono da mercearia de onde veio o açúcar.
- B) o beijo de moça, a água na pele e a flor que se dissolve na boca.
- C) o trabalho do dono do engenho em Pernambuco, onde se produz o açúcar.
- D) a beleza dos extensos canaviais que nascem no regaço do vale.
- E) o trabalho dos homens de vida amarga em usinas escuras.



## O açúcar

O branco açúcar que adoçará meu café  
nesta manhã de Ipanema  
não foi produzido por mim  
nem surgiu dentro do açucareiro por milagre.

Vejo-o puro  
e afável ao paladar  
como beijo de moça, água  
na pele, flor  
que se dissolve na boca. Mas este açúcar  
não foi feito por mim.

Este açúcar veio  
da mercearia da esquina e tampouco o fez o Oliveira,  
[dono da mercearia.

Este açúcar veio  
de uma usina de açúcar em Pernambuco  
ou no Estado do Rio  
e tampouco o fez o dono da usina.

Este açúcar era cana  
e veio dos canaviais extensos  
que não nascem por acaso  
no regaço do vale.

(...)

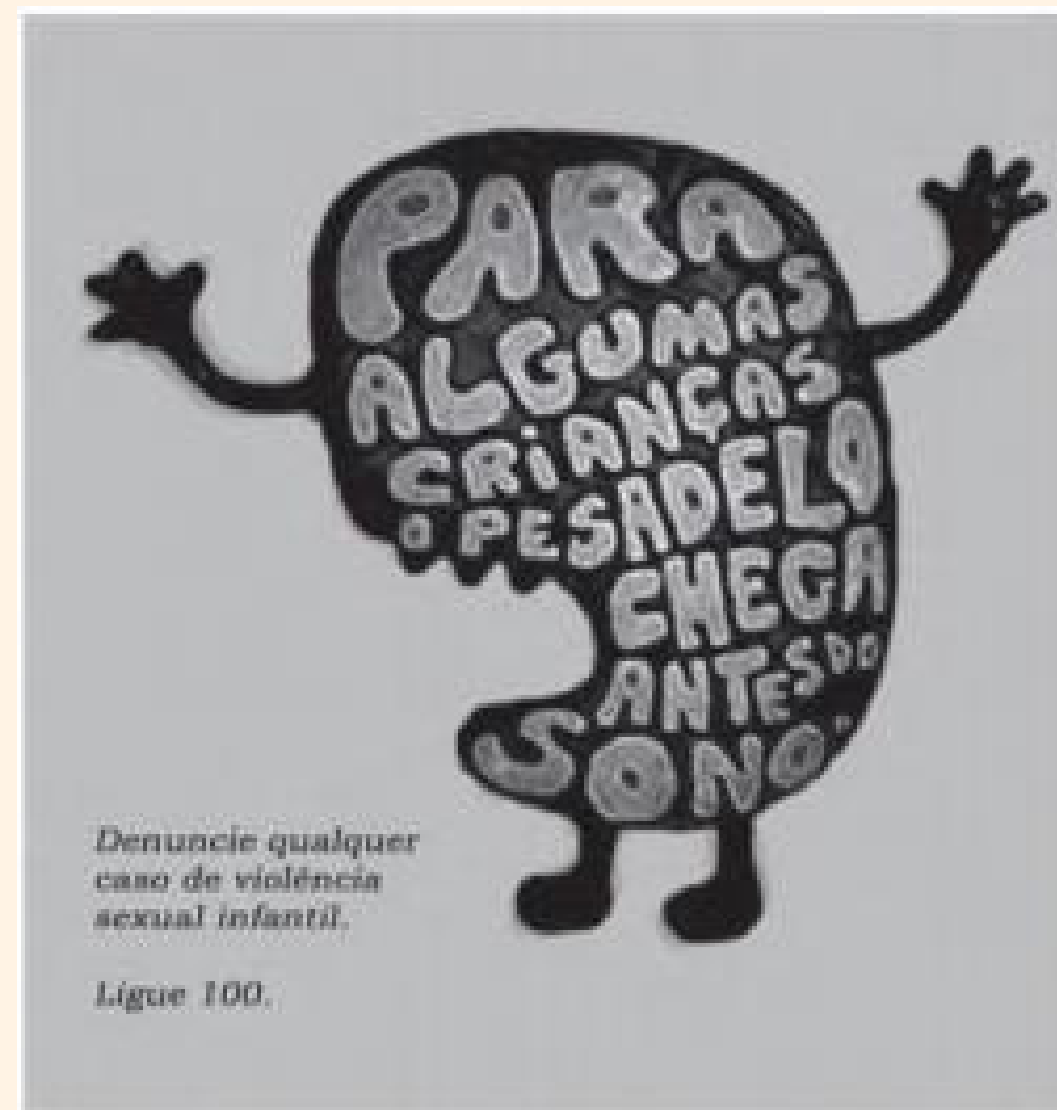
Em usinas escuras,  
homens de vida amarga  
e dura  
produziram este açúcar  
branco e puro  
com que adoço meu café esta manhã em Ipanema.

Ferreira Gullar. Toda Poesia. Rio de Janeiro:  
Civilização Brasileira, 1980, p. 227-8.

(ENEM - 2007) A antítese que configura uma imagem da divisão social do trabalho na sociedade brasileira é expressa poeticamente na oposição entre a doçura do branco açúcar e:

- A) o trabalho do dono da mercearia de onde veio o açúcar.
- B) o beijo de moça, a água na pele e a flor que se dissolve na boca.
- C) o trabalho do dono do engenho em Pernambuco, onde se produz o açúcar.
- D) a beleza dos extensos canaviais que nascem no regaço do vale.
- E) o trabalho dos homens de vida amarga em usinas escuras.

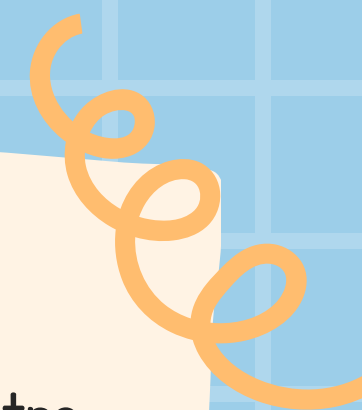
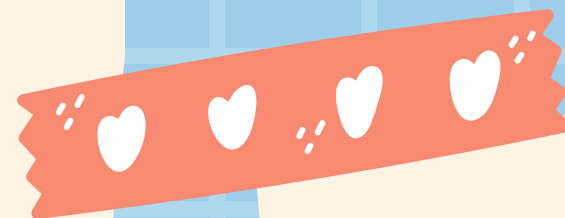




Disponível em: [www.portaldopropaganda.com.br](http://www.portaldopropaganda.com.br). Acesso em: 29 out. 2013 (adaptado)



QuestoesdeCONCURSOS.com.br

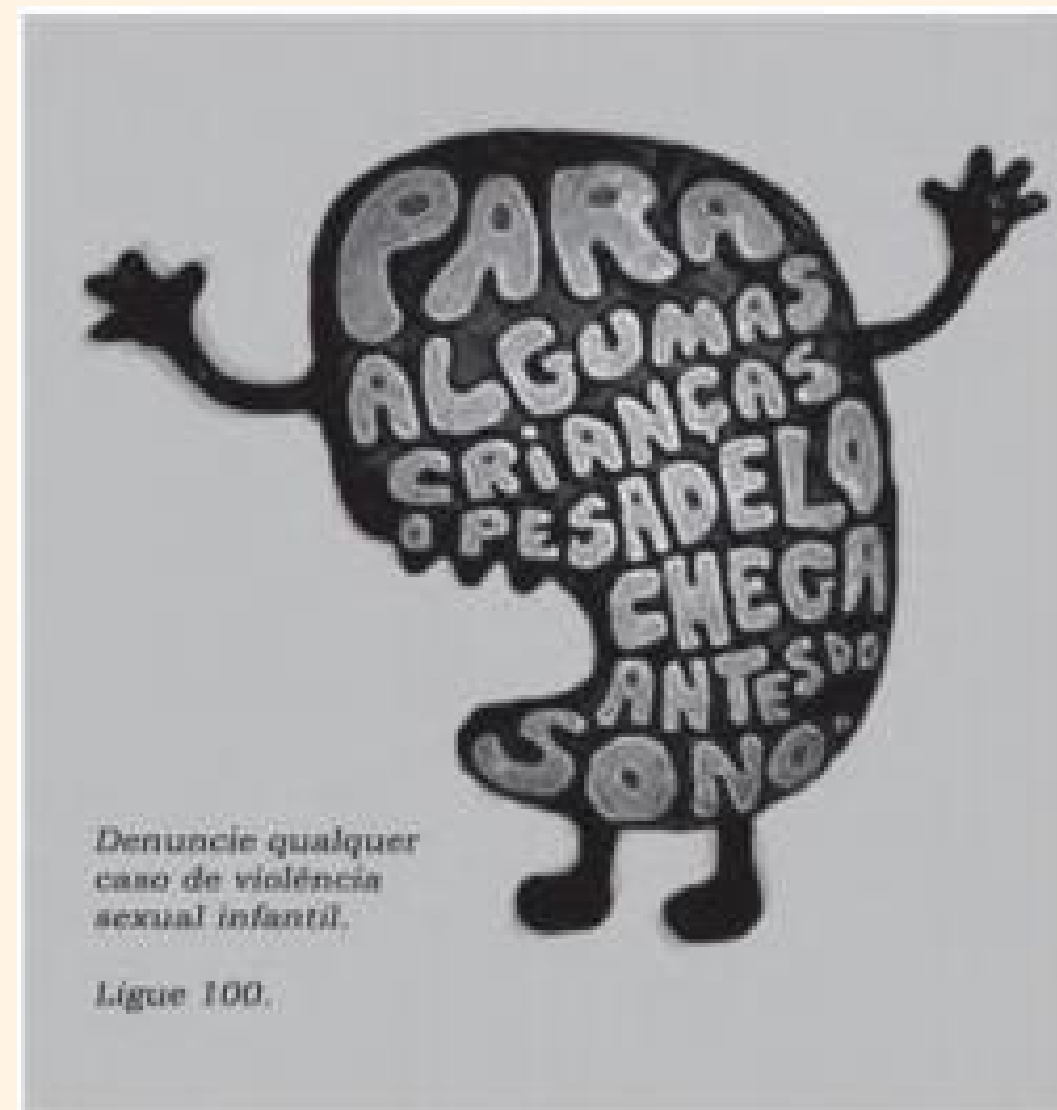


(ENEM - 2014) Os meios de comunicação podem contribuir para a resolução de problemas sociais, entre os quais o da violência sexual infantil. Nesse sentido, a propaganda usa a metáfora do pesadelo para:

- A) informar crianças vítimas de abuso sexual sobre os perigos dessa prática, contribuindo para erradicá-la.
- B) denunciar ocorrências de abuso sexual contra meninas, com o objetivo de colocar criminosos na cadeia.
- C) dar a devida dimensão do que é o abuso sexual para uma criança, enfatizando a importância da denúncia.
- D) destacar que a violência sexual infantil predomina durante a noite, o que requer maior cuidado dos responsáveis nesse período.
- E) chamar a atenção para o fato de o abuso infantil ocorrer durante o sono, sendo confundido por algumas crianças com um pesadelo.



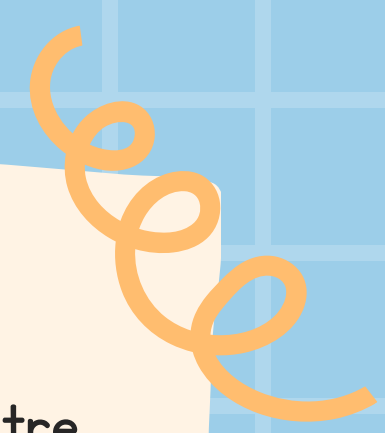
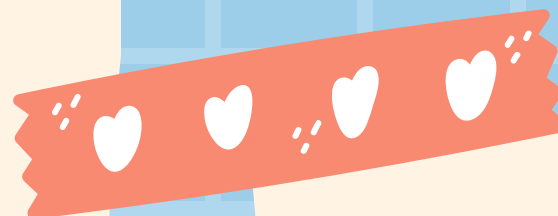




Disponível em: [www.portaldopropaganda.com.br](http://www.portaldopropaganda.com.br). Acesso em: 29 out. 2013 (adaptado)

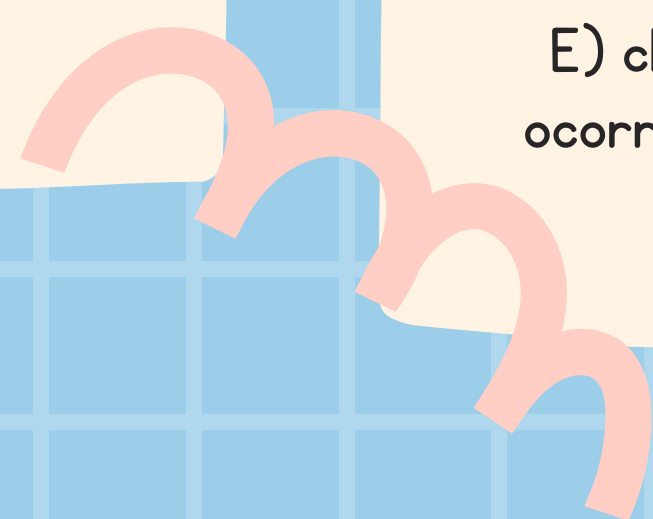
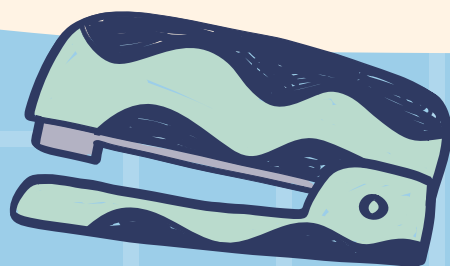


Questões de **CONCURSOS**.com.br



(ENEM - 2014) Os meios de comunicação podem contribuir para a resolução de problemas sociais, entre os quais o da violência sexual infantil. Nesse sentido, a propaganda usa a metáfora do pesadelo para:

- A) informar crianças vítimas de abuso sexual sobre os perigos dessa prática, contribuindo para erradicá-la.
- B) denunciar ocorrências de abuso sexual contra meninas, com o objetivo de colocar criminosos na cadeia.
- C) dar a devida dimensão do que é o abuso sexual para uma criança, enfatizando a importância da denúncia.
- D) destacar que a violência sexual infantil predomina durante a noite, o que requer maior cuidado dos responsáveis nesse período.
- E) chamar a atenção para o fato de o abuso infantil ocorrer durante o sono, sendo confundido por algumas crianças com um pesadelo.



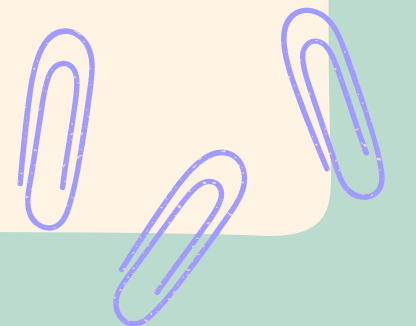


GARFIELD - Jim Davis



(ENEM - 2001) Oxímoro (ou paradoxo) é uma construção textual que agrupa significados que se excluem mutuamente. Para Garfield, a frase de saudação de Jon (tirinha) expressa o maior de todos os oxímoros. Nas alternativas abaixo, estão transcritos versos retirados do poema "O operário em construção". Pode-se afirmar que ocorre um oxímoro em:

- A - "Era ele que erguia casas Onde antes só havia chão."
- B - "... a casa que ele fazia Sendo a sua liberdade Era a sua escravidão."
- C - "Naquela casa vazia Que ele mesmo levantara Um mundo novo nascia De que sequer suspeitava."
- D - "... o operário faz a coisa E a coisa faz o operário."
- E - "Ele, um humilde operário Um operário que sabia Exercer a profissão."







GARFIELD - Jim Davis



(ENEM - 2001) Oxímoro (ou paradoxo) é uma construção textual que agrupa significados que se excluem mutuamente. Para Garfield, a frase de saudação de Jon (tirinha) expressa o maior de todos os oxímoros. Nas alternativas abaixo, estão transcritos versos retirados do poema "O operário em construção". Pode-se afirmar que ocorre um oxímoro em:

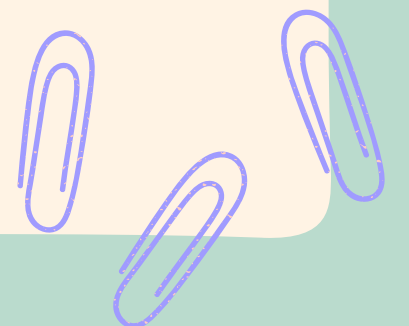
A - "Era ele que erguia casas Onde antes só havia chão."

B - "... a casa que ele fazia Sendo a sua liberdade Era a sua escravidão."

C - "Naquela casa vazia Que ele mesmo levantara Um mundo novo nascia De que sequer suspeitava."

D - "... o operário faz a coisa E a coisa faz o operário."

E - "Ele, um humilde operário Um operário que sabia Exercer a profissão."





### Aquele bêbado

\_\_ Juro nunca mais beber - e fez o sinal da cruz com os indicadores. Acrescentou: \_\_ Álcool.

O mais ele achou que podia beber. Bebia paisagens, músicas de Tom Jobim, versos de Mário Quintana. Tomou um pileque de Segall. Nos fins de semana, embebedava-se de Índia Reclinada, de Celso Antônio.

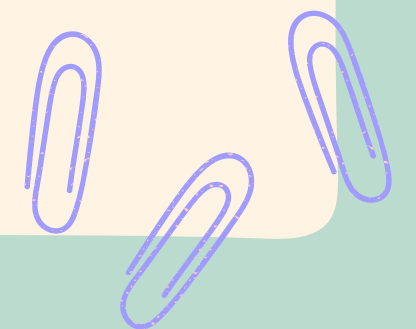
\_\_ Curou-se 100% do vício - comentavam os amigos. Só ele sabia que andava mais bêbado que um gambá. Morreu de etilismo abstrato, no meio de uma carraspana de pôr do sol no Leblon, e seu féretro ostentava inúmeras coroas de ex-alcoólatras anônimos.

ANDRADE, C. D. *Contos plausíveis*. Rio de Janeiro: Record, 1991.



(ENEM - 2012) A causa mortis do personagem, expressa no último parágrafo, adquire um efeito irônico no texto porque, ao longo da narrativa, ocorre uma:

- A) metaforização do sentido literal do verbo “beber”.
- B) aproximação exagerada da estética abstracionista.
- C) apresentação gradativa da coloquialidade da linguagem.
- D) exploração hiperbólica da expressão “inúmeras coroas”.
- E) citação aleatória de nomes de diferentes artistas.





### Aquele bêbado

\_\_ Juro nunca mais beber - e fez o sinal da cruz com os indicadores. Acrescentou: \_\_ Álcool.

O mais ele achou que podia beber. Bebia paisagens, músicas de Tom Jobim, versos de Mário Quintana. Tomou um pileque de Segall. Nos fins de semana, embebedava-se de Índia Reclinada, de Celso Antônio.

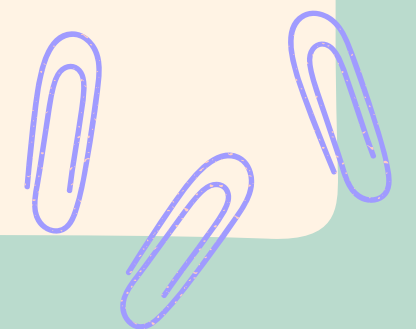
\_\_ Curou-se 100% do vício - comentavam os amigos. Só ele sabia que andava mais bêbado que um gambá. Morreu de etilismo abstrato, no meio de uma carraspana de pôr do sol no Leblon, e seu féretro ostentava inúmeras coroas de ex-alcoólatras anônimos.

ANDRADE, C. D. *Contos plausíveis*. Rio de Janeiro: Record, 1991.



(ENEM - 2012) A causa mortis do personagem, expressa no último parágrafo, adquire um efeito irônico no texto porque, ao longo da narrativa, ocorre uma:

- A) metaforização do sentido literal do verbo “beber”.
- B) aproximação exagerada da estética abstracionista.
- C) apresentação gradativa da coloquialidade da linguagem.
- D) exploração hiperbólica da expressão “inúmeras coroas”.
- E) citação aleatória de nomes de diferentes artistas.



(UFPE) Assinale a alternativa em que o autor NÃO utiliza prosopopéia.

a) “A luminosidade sorria no ar: exatamente isto. Era um suspiro do mundo.” (Clarice Lispector)

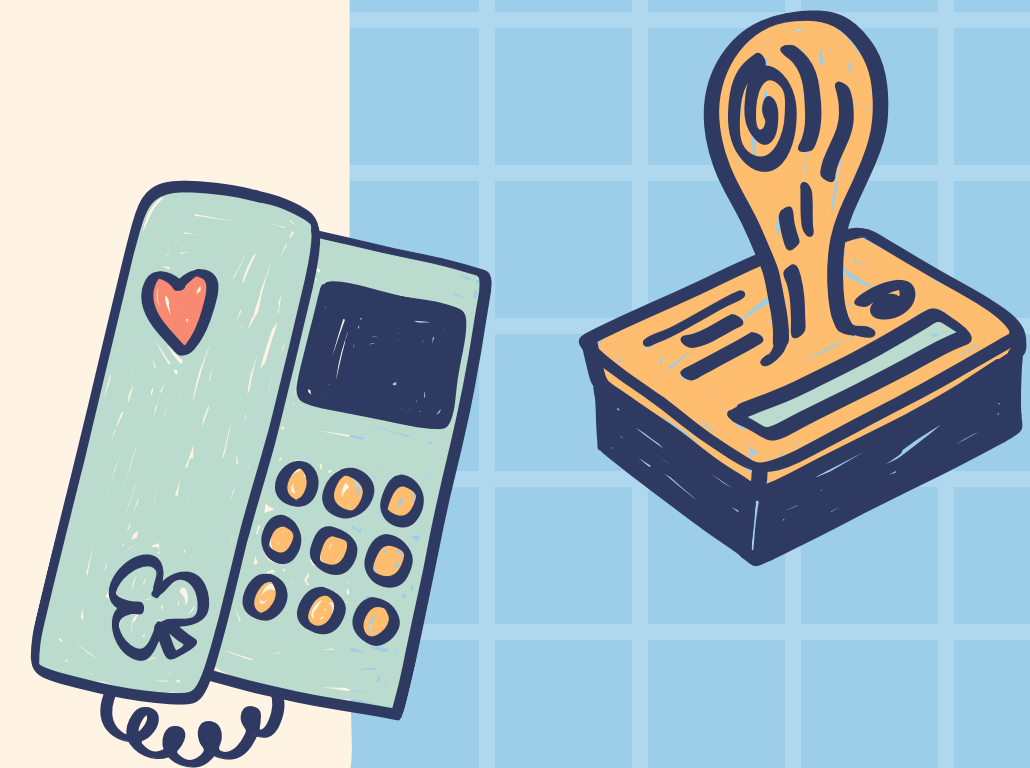
b) “As palavras não nascem amarradas, elas saltam, se beijam, se dissolvem...” (Drummond)

c) “Quando essa não-palavra morde a isca, alguma coisa se escreveu.” (Clarice Lispector)

d) “A poesia vai à esquina comprar jornal”. (Ferreira Gullar)

e) “Meu nome é Severino, Não tenho outro de pia”. (João Cabral de Melo Neto)

Personificação/  
Prosopopeia



(UFPE) Assinale a alternativa em que o autor NÃO utiliza prosopopéia.

a) “A luminosidade sorria no ar: exatamente isto. Era um suspiro do mundo.” (Clarice Lispector)

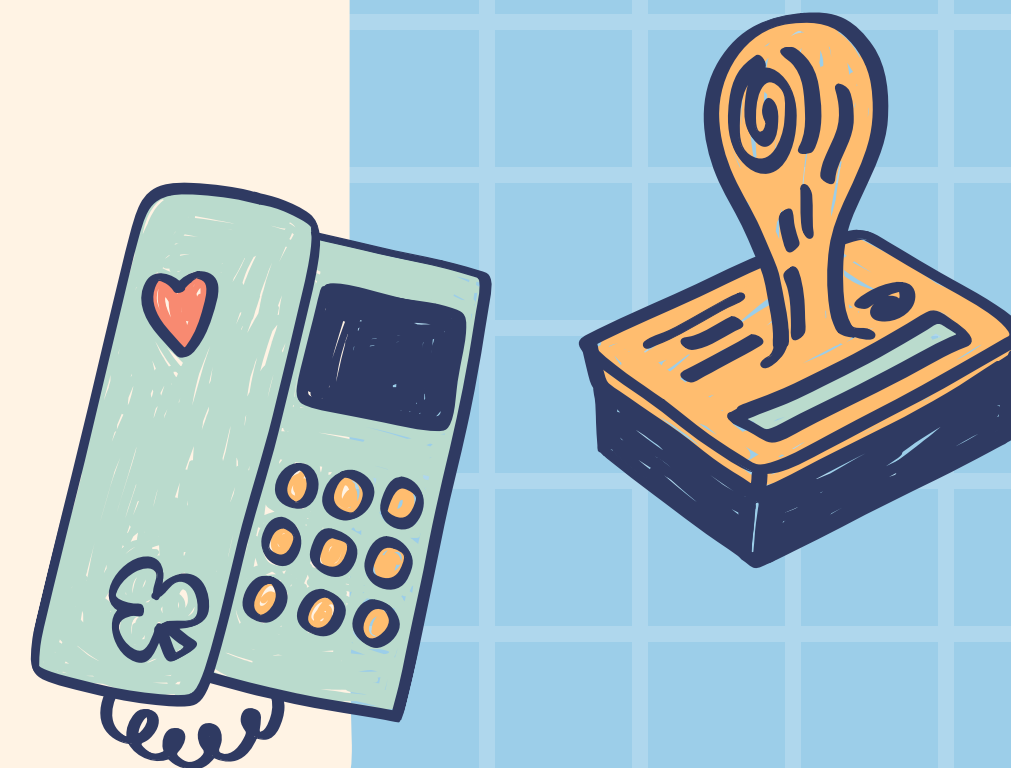
b) “As palavras não nascem amarradas, elas saltam, se beijam, se dissolvem...” (Drummond)

c) “Quando essa não-palavra morde a isca, alguma coisa se escreveu.” (Clarice Lispector)

d) “A poesia vai à esquina comprar jornal”. (Ferreira Gullar)

e) “Meu nome é Severino, Não tenho outro de pia”. (João Cabral de Melo Neto)

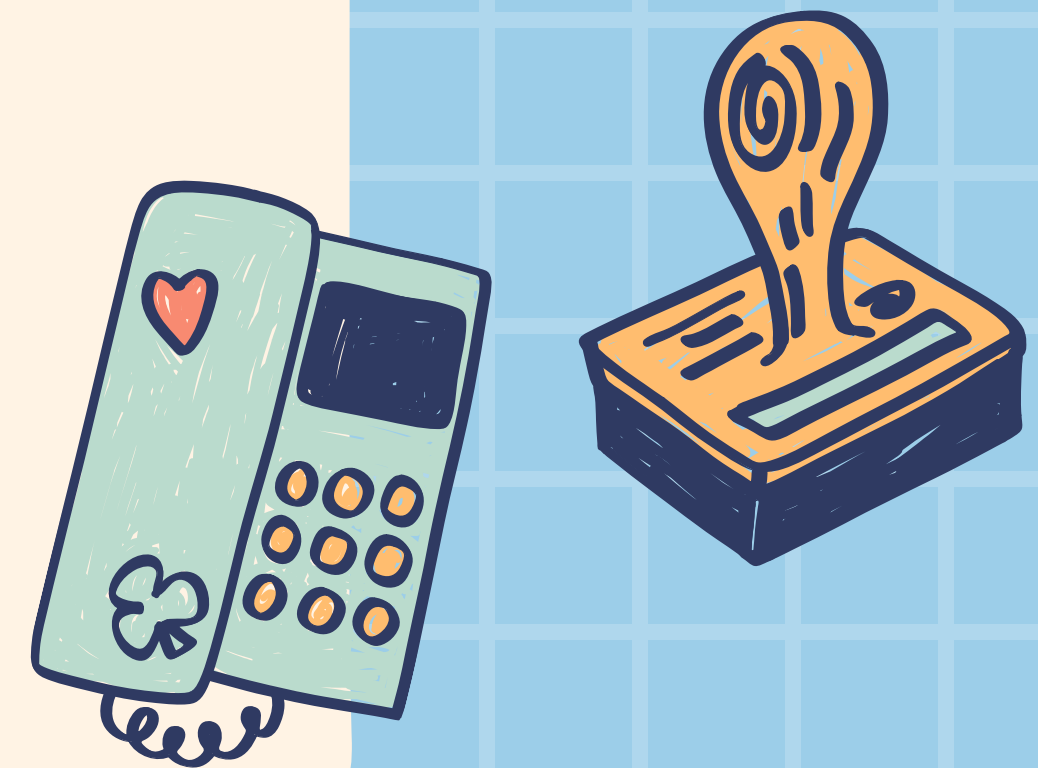
Personificação/  
Prosopopeia



## Catacrese

(FUVEST) A catacrese, figura que se observa na frase “Montou o cavalo no burro bravo”, ocorre em:

- a) Os tempos mudaram, no devagar depressa do tempo.
- b) Última flor do Lácio, inculta e bela, és a um tempo esplendor e sepultura.
- c) Apressadamente, todos embarcaram no trem.
- d) Ó mar salgado, quanto do teu sal são lágrimas de Portugal.
- e) Amanheceu, a luz tem cheiro.

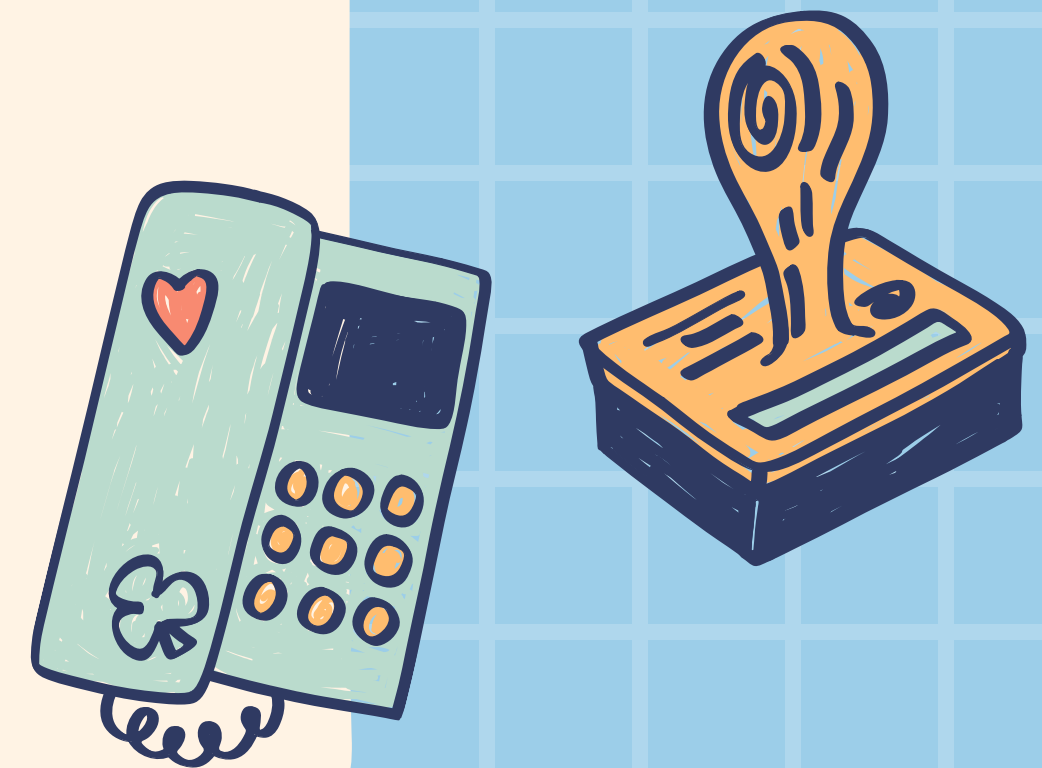




## Catacrese

(FUVEST) A catacrese, figura que se observa na frase “Montou o cavalo no burro bravo”, ocorre em:

- a) Os tempos mudaram, no devagar depressa do tempo.
- b) Última flor do Lácio, inculta e bela, és a um tempo esplendor e sepultura.
- c) **Apressadamente, todos embarcaram no trem.**
- d) Ó mar salgado, quanto do teu sal são lágrimas de Portugal.
- e) Amanheceu, a luz tem cheiro.



Dúvidas?  
Comentários?

